



KYRIAL 4



REVISTA DE LITERATURA



KYRIAL⁴

ISSN 1982-1085

ANO IV – Número 4 – outubro de 2011

revistakyrial@gmail.com

Edição e Redação

Jaqueline Elaine Bueno da Cunha

Laís Terêncio Caixeta

Lêda Maria Rett de Moraes

Magali Fernandes Coelho

Talissa Valentina Ribeiro

Comissão Editorial

Ana Raquel Motta de Souza, Carlos de Aquino Pereira, Cássia dos Santos, Cleonice Furtado de Mendonça van Raij, Cynthia Belgini Andretta, Eliane Righi de Andrade, Erica Luciene Lima de Paulo, Fabiano Ormanzeze, Jamil Cury Sawaya, Leny Pereira Costa, Lilian Rocio Borba, Liney de Mello Gonçalves, Liselotte C. H. Figueiredo, Luciane Moreira de Oliveira, Marcelo Cristiano Mantovani, Maria de Fátima Silva Amarante, Maria Inês Ghilardi Lucena, Nair Leme Fobé, Tereza de Moraes, Terezinha Rivera Trifanovas.

Revisão

Liney de Mello Gonçalves

Capa

Rodrigo Franco

Projeto Gráfico

Bárbara Bretanha

Carla Vido

Talita Bristotti

Colaboração Especial

Marcia Camargos

Miriam Dominguez Requena

Colaboradores

Ana Nery Machado

André Guedes de Toledo

André Pereira

Bruno Ricardo Ottenio de Souza

Carolina França

Carolina Longano Mesquita de Oliveira

Cláudio Sgroi

Clebson dos Santos Moura Leal

Danilo de Oliveira Pessoa

F. Pellicer

Gabriel Castelar Silva Brito

Gabriel Cintra

Guilherme Lutti

Gustavo Prado Gimenez

Helena Perdiz Rodrigues

Jéssica Valim Amâncio da Silva

Julliana Cavalcante da Silva

Karen Monteiro de Lima

Lívia Helena Passos da Cunha

Luciano Danttini

Maria Bertila Leal de Castro

Mariângela Silva de Almeida

Marina Donati Valverde

Mariana Alves

Mayara Alves

Nathan Martins Lemes

Natália Anseloni Nista

Pamela Mayara Eiras dos Santos

Patrícia Oraggio

Paula Guerreiro

Paulo Noboru de Paula Kawanishi

Quelcilene Silva Rios

Rafaella Martucci de Godoy

Ricardo Maciel

Sarah Maria Mendes da Silva

Simone Alves Pedersen

Nossos agradecimentos especiais à Marcia Camargos, que gentilmente cedeu as fotos de Monteiro Lobato do seu acervo pessoal, para sua publicação nesta edição, e também à Agência Artística SS Ltda, representante da família de Monteiro Lobato, pela autorização de utilizarmos na revista as ilustrações de J.U. Campos e André LeBlanc, publicadas na coleção *Obras completas de Monteiro Lobato*, 2ª Série, Literatura Infantil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1950.

KYRIAL

revista de literatura publicada pelos
alunos da Faculdade de Letras da
PUC-CAMPINAS, que hoje se
encontra em sua edição número

4

Esta edição é uma singela homenagem ao escritor brasileiro

Monteiro Lobato

(José Bento Renato Monteiro Lobato - 1882-1948)



Ilustrações:

Jurandir Ubirajara Campos (1903-1972)

André LeBlanc (1921- 1998)

Kyrial é uma publicação dos alunos da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial dos textos, fotos ou ilustrações, por qualquer meio, sem autorização. Tiragem de 500 exemplares. Impresso na Discopel Gráfica e Editora Ltda – Valinhos – SP

Voo de amadores

“Já faz muito tempo!

Mas a imagem da coleção de livros de capa dura, que traziam a boneca Emília em primeiro plano, é das que se mantiveram vivas ao longo do tempo: um presente do passado. Os livros posavam lá no alto da estante da amiga, sedutores, cobiçados.

Sua natureza sonhadora de leitora apaixonada não compreendia o desinteresse das meninas em relação a eles. Quantas vezes sua sugestão de “brincar de ler histórias” foi negada em benefício de brincadeiras mais “animadas”.

No entanto, que emoção quando, finalmente, conseguindo convencê-las, tocou o tesouro: manuseava cada página com cuidado, pois sabia, o menor descuido poria a perder o benefício tão duramente conquistado. Emocionada, finalmente arrebanhou uma pequena plateia e mergulhou nas aventuras do pessoal do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Alguns anos depois, o Sítio ainda continuava a fazer parte de sua vida, que agora entrava na adolescência, desta vez pela televisão: ao chegar da aula, à tardinha, era recebida pela música do Gilberto Gil, pela espevitada Emília e pela aconchegante tia Nastácia. A memória da música, assim como a do cheiro, é imediata: ainda hoje transporta e emociona.

Provavelmente influenciada por algum professor, o fato é que Lobato sempre a fascinara. Aquelas suas sobranceiras de “lagarta peluda” e seu gênio forte, combativo, decidido, ao mesmo tempo em que assustavam, atraíam.”

E naquele dia, depois daquela decisão, todas foram convidadas a uma viagem ao tempo para reencontrar a infância. Uma infância que, para essas meninas aprendizes de editoras, já não era mais presente.

Elas se descobriram e se redescobriram “lobatianas”, apaixonaram-se novamente pelo sabor da literatura desse grande homem, que para muitos era apenas o Juca da Fazenda Buquira.

Mas, como fazer? Por onde começar? Quem vai poder nos ajudar? As perguntas cresciam e foi então que cada uma delas descobriu em si o seu tempo, o seu jeito de trabalhar. E com trocas de e-mails e mais e-mails foram começando a traçar as primeiras linhas da Kyrial.

Assim, podemos dizer que esta quarta edição da revista foi se gestando aos poucos.

Tanto para gerar, quanto para educar, deve-se ter paciência. É preciso plantar, mas é necessário aguardar.

Quando planejam, até nos iludimos pensando que

controlaríamos minuciosamente cada passo, o que a prática veio contradizer. Porque vida de verdade é surpresa. Como bem disse um certo psicólogo em relação à educação, “é impossível conduzir a flecha ao alvo com a própria mão”. A elas, mães-editoras, é dado calcular, apontar e atirar. Mas o resultado não é totalmente garantido. Há variáveis envolvidas e a não certeza é inerente ao que é vivo.

Esta primeira edição “emancipada” foi um parto. Primeira filha de um grupo de mães completamente inexperientes e sem qualquer história em comum, a equipe teve de, talvez, primeiramente se constituir como grupo e, só depois, como equipe editorial.

E, como qualquer empreitada que envolva várias cabeças, foi preciso delicadeza. Às vezes avança-se um pouco, recua-se outro pouco, mantém-se a ideia, muda-se a estratégia. Uma certeza o grupo tinha: a revista tinha de sair de qualquer forma. Eram elas guardiãs de uma ideia.

Tiveram de controlar a ansiedade de ver tudo muito antecipado, com planos B, C, D... Aprenderam a ser mais descontraídas e menos críticas, mais confiantes de que com empenho e participação a coisa se efetiva. Uma “baita” aquisição.

Muitas pessoas fizeram parte dessa edição, cujos nomes não colocamos aqui, mas emitimos a elas todo o carinho desse grupo.

Agradecemos a todos que ajudaram direta e indiretamente para que a Kyrial 4 se tornasse realidade.

Podemos agradecer umas às outras da equipe, que assimilaram em diferentes momentos as características dos personagens do sítio, tentando se mostrar por vezes corajosas e empreendedoras como Pedrinho, sábias e aconchegantes como Dona Benta, doces como o rinoceronte Quindim, criativas e decididas como a Emília. Até o Rabicó pode eventualmente ter estado presente com um pouquinho de medo, e o rinoceronte com seus momentos de agressividade. Só não houve espaço para o Jeca Tatu e seu amarelão.

Equipe Editorial

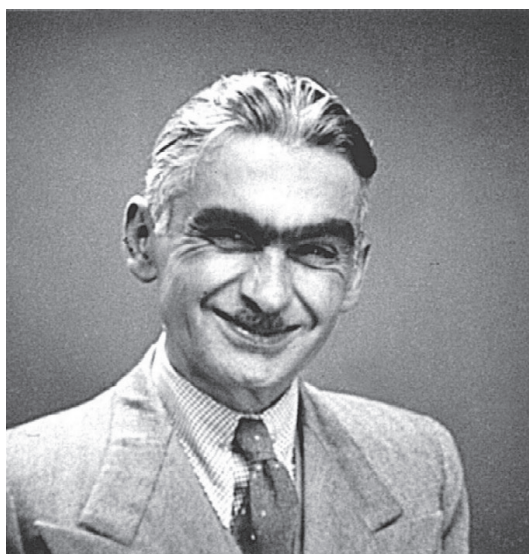
Kyrial 4

O encontro de dois opostos

Monteiro Lobato dispensa apresentação. As aventuras da turma do Sítio do Piacapau Amarelo povoam, há décadas, a imaginação de sucessivas gerações de brasileiros. Desde o lançamento de *A menina do narizinho arrebitado*, em 1920, ele não parou mais. No ambiente rural do Sítio faz seus personagens viajarem ao passado e ao futuro, sem perder o frescor da roça. Espaço da fantasia e diversão, a casa de Dona Benta é o lócus privilegiado da convivência harmoniosa, numa pluralidade invejável nos dias correntes marcados pela intolerância. Ali os horizontes ampliam-se, descrevendo um movimento dialético de enraizamento regional e pertença universal.

Homem de múltiplas facetas, Lobato (1882-1948) teve uma atuação que extrapolou a literatura infanto-juvenil, gênero em que foi pioneiro. Engajando-se em campanhas para modernizar o país, por meio da distribuição de riqueza e inclusão social, este paulista de Taubaté apostou no petróleo, na indústria siderúrgica e na abertura de estradas. Mas sua atitude feria interesses poderosos, rendendo-lhe uma condenação a seis meses de cadeia durante o governo de Getúlio Vargas, em 1941.

Para além das batalhas em prol do desenvolvimento, e das incríveis figuras que saltaram dos livros para a TV, viraram letra de música e desenho animado, o “pai” da boneca Emília também deixou uma vasta obra para adultos. Na maioria, fruto da compilação de artigos, crônicas, entrevistas, prefácios e contos publicados na imprensa do período, além de cartas à esposa Purezinha e vários amigos, dentre eles Godofredo Rangel, colega de Direito, com quem manteve intenso diálogo epistolar.



Defensor incansável da brasilidade, Lobato criticava o caráter afrancesado do seu contemporâneo Freitas Valle, o mecenas e anfitrião da Villa Kyrial. Agora, com esta homenagem, a revista de certa forma promove o encontro de duas figuras chaves, embora de estilos opostos, da nossa história cultural. Os leitores agradecem.

Marcia Camargos*

*Jornalista e doutora em história pela USP, tem mais de 20 livros publicados, entre eles *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, *Juca e Joyce: memórias da neta de Lobato* e *À mesa com Monteiro Lobato*. É também autora de *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*.

CARTA AO LEITOR

Por Talissa Valentina Ribeiro

Sítio do Pica Pau Amarelo, 7 de outubro de 2011.

Oi pessoal!

Escrevo para vocês, leitores da querida Kyrial.

Em verdade era para aquele metido do Visconde escrever essa carta, porque todos os caras de coruja que moram aqui falam que ele tem mais jeito com as palavras, mas eu corri e me tranquei na biblioteca da Dona Benta para escrever, porque ele pode ser o Visconde, mas eu sou a Marquesa de Rabicó e também sei escrever direitinho.

Lembro-me como se fosse hoje do nosso primeiro livro. Ah! Quantas emoções! Ele tinha um nome tão simples, que, se naquela época eu falasse, certamente teria dito ao Juca para colocar outro nome. Então, como eu ainda não podia me expressar verbalmente, ele se chamou *A menina do Nariz Arrebitado* e logo mais tarde foi reeditado para o conhecido *Reinações de Narizinho*, que encabeça a sequência dos dezessete livros da obra completa do Sítio. Não preciso acrescentar que se eu pudesse ter tido uma conversinha com o Juca ele se chamaria “Reinações de Emília”, bem melhor! Mas não posso reclamar, porque na sequência das obras tive meus próprios livros. Falarei deles mais para frente, vamos em ordem que ordenado fica.

Foi nesse livro que o mundo me conheceu e também a todos os moradores e amigos e até inimigos do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Tenho muito que agradecer, pois, em suas reinações, minha querida dona Lúcia, ou melhor, Narizinho, conheceu o Príncipe Escamado, que nos levou para uma incrível aventura no fundo do mar e lá pude conhecer o Dr. Caramujo, que prefiro chamar de Dr. Cara de Coruja Seca. Ele inventava pílulas e deu-me uma pílula falante, por esse motivo hoje posso falar e contar as minhas histórias. Uns falam que me transformei em uma matracaca, mas isso é coisa de cara de coruja que não me entende.

Depois foi a vez das aventuras no céu e assim, surgiu *Viagens ao Céu e o Saci*. O danado do Saci... Para encontrar um saci você precisa ficar de modorra, e foi o que Pedrinho fez para conseguir encontrá-lo.

Houve também *Caçadas de Pedrinho e Hans Staden*, *Histórias do Mundo para as Crianças e Memórias de Emília e Peter Pan*.

Logo em seguida vem o meu preferido, em que fazemos uma viagem ao belíssimo País da Gramática, *Emília no País da Gramática* e depois o *Aritmética de Emília*, para a matemática não ficar triste.

Depois que eu falei sobre a Gramática e a Aritmética, a Dona Benta resolveu nos ensinar Geografia e assim nasceu *Geografia de Dona Benta*, seguido de *Serões de Dona Benta e Histórias das Invenções*.

Há também *D. Quixote para Crianças*, *O Poço do Visconde*, *Histórias de Tia Nástacia*, *O Pica Pau Amarelo e a Reforma da Natureza*, *O Minotauro*, *A chave do tamanho*, *Fábulas e Histórias Diversas* e, encerrando, *Os Doze trabalhos de Hércules – 1º Tomo* e *Os doze trabalhos de Hércules – 2º Tomo*.

Assim, o Juca, ou, como todos vocês conhecem, Monteiro Lobato, promoveu o nosso encontro e criou as nossas histórias.

Hoje, aqui na Kyrial, podemos reviver toda a obra do nosso saudoso Juca através das ilustrações do J. U. Campos e do André LeBlanc, que nos deixaram mais bonitos. Na verdade, eu pessoalmente sou bem mais bonita (isso só sabe quem vem me encontrar), mas a Dona Benta e a Tia Nástácia ficaram bem melhoradinhas.

O Juca sempre nos contava que seu maior desejo era escrever livros onde as crianças pudessem morar, pois é: ele os fez. Mas, mais do que crianças, ele escreveu livros onde quem quiser pode morar; é só uma questão de querer.

O Sítio do Pica-Pau Amarelo existe dentro do coração de cada pessoa que não se esquece do valor da infância e da beleza da poesia. Existe aqui, em cada página, em cada texto, em cada linha desses autores, que, sem dúvidas, não deixarão a literatura morrer.

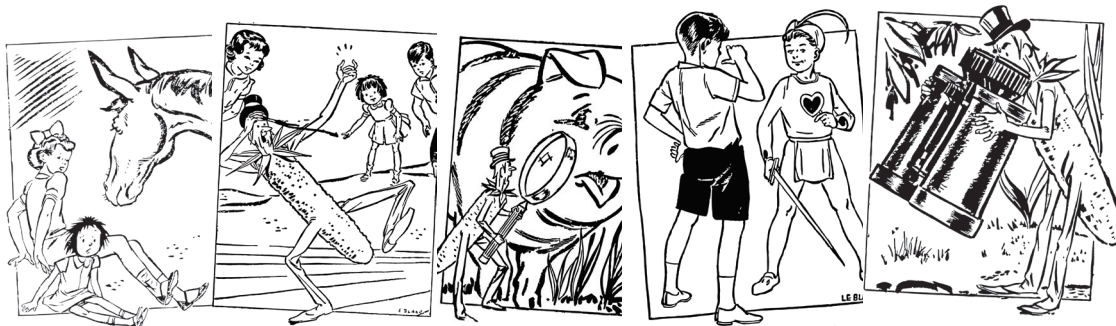
O Sítio existe aqui na Kyrial 4.

Eu estou aqui, nesse sítio, no seu sítio, esperando a sua visita!

Beijos,



Emília, a Marquesa de Rabicó*



SUMÁRIO

Editorial: Voo de Amadores	4		AVE MARIA
O encontro de dois opostos	5	19	Estrela Longínqua
Carta ao leitor	6		Às vezes acho que deveria ter morrido
Só por um segundo Deus Meu!	9	20	Escarlatina
Não há rosas sem espinhos			Quando eu morrer
Ao Meu Eu, Você	10	21	Contato
Sonho real			O menino que andava sozinho
Trêmulo	11	22	Desencanto
DOM			A última dança
Altruísmo	12	23	O mundo de Melinda
Cadê?			Causo da Dona Chica
Aparências	13	24	Ode a Campinas
Inverno			Templo da infância
Conflito pessoal	14	26	O novo sapato da Cinderela
Só por um instante			Flor do adeus
Contradições do amor	15	27	Um minuto
Esperanças que se renovam			ATRAÇÃO INCOMUM
Trip in silence	16	28	
A Seguidora de Passarinho			
Recife, minha saudade	17	29	
O mendigo e o rouxinol	18	30	Recuerdos guardados en un cajón



Só Por Um Segundo

Por Ricardo Maciel

“Foi só por um segundo
Todo o tempo do mundo
E o mundo todo se perdeu
Eu vi quando você me viu
Seus olhos buscaram nos meus
O mesmo pecado febril”
(Cláudio Lins - “Cupido”)

E eis que de tarde ela passou por mim. Eu estava brincando com a areia da praia aos meus pés e só notei duas pernas passando bem perto da minha cadeira. Levantei os olhos e vi uma moça que de longe era bonita. Não vi seu rosto, pois, quando ela estava perto, eu estava entretido com meus dedos dos pés.

E eis que ela fez o caminho até a praia, vagarosa, modelo, tranquila. Parecia estar em uma passarela da moda. Um pé graciosamente colocado em frente ao outro, certeiros. Sabia o que fazia.

Fiquei olhando, descaradamente. Chegou perto do mar, agachou-se, pegou uma concha, levantou, examinou-a, viu que não era tão bonita quanto gostaria, jogou-a de volta. Fez os mesmos movimentos repetidas vezes. Eu já estava encantado com aquela graça toda. Depois, passou a andar de um lado para o outro, como em uma dança, e eu tive a impressão de que a dança toda era para mim.

Estava olhando tão fixamente, que me assustei quando ela olhou de volta; ou pelo menos eu achei que ela tivesse olhado. Forcei os olhos para tentar ver seu rosto, mas foi difícil. Esperei que ela voltasse para onde tinha saído. E eis que ela não fez nenhum movimento, não abanou, não gritou, não se mexeu. Apenas ficou lá, deixando-se ser olhada. E eu amei aquele momento.

Imaginei que talvez tivesse sorrido, mas não tive certeza. Não sabia nem mesmo se eu estava sorrindo. Já não via mais nada.

Depois de um tempo, ela veio em minha direção. Reta, direta. Eu tremi na cadeira. Não fazia ideia do que eu iria falar ou fazer ou que atitude tomar. Deveria eu começar uma conversa? Ou esperar que ela falasse algo?

Veio tranquila, como tinha ido. Seguiu-a com os olhos. O rosto era muito bonito, ainda mais bonito do que eu havia imaginado. Que maravilha seria se ela viesse falar-me, mas não veio. Passou por mim, abraçou o namorado, beijou-o, deram-se as mãos e foram embora.

E eu continuei ali, vendo a maré subir e o sol se pôr.



Deus Meu!

Por Pamela Mayara

Deus meu, Deus meu!
Por que me abandonaste e
Deixaste minha alma aflita,
Ó Pai da eternidade?

Deus meu, Deus meu!
Sinto o peso do mundo em minhas costas
Mas que posso fazer eu?
Sou humana, não consigo ser perfeita...

Ó Todo Poderoso!
Venha em meu favor,
Alivia o coração
Desse tão frágil ser...

Fizeste um pacto
E não há nada que possa quebrá-lo
Daria um pai pedra aos seus filhos
Se estes Lhe pedissem pão?

Cura minhas lembranças
Refrigera a minha alma
Faz o meu cálice transbordar
De alegria por ser Tua!

Saio de Tua gloriosa presença
E deixo a Ti um mero pedido:
Se Tu assim me queres,
Não me deixes só enfrentar

A vergonha do fracasso!
Atravessa junto a mim
O mar vermelho e guia-me!
Certamente, se for submergida,
Tua Mão me trará à tona para respirar...

Não há rosas sem espinhos

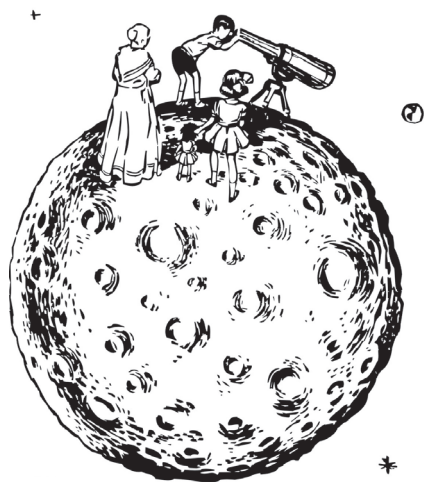
Por Carolina França de Souza

Cheguei a uma conclusão:
não há problemas sem solução
e não há pedidos a que
Deus diga “não”!

Nem tudo é perfeito
há coisas imperfeitas,
é de defeito que as
coisas são feitas.

Nós aprendemos na dor
e no sofrer
precisamos ser corrigidos
para o bem aprender.

Não há rosas sem espinhos,
elas são belas, mas precisam de defesa...
e seus espinhos fazem parte
de sua beleza.



Ao meu Eu, Você

Por Paulo Noboru

Começo sem perjúrios, nem mais delongas
Sem prelúdios além da conta. Sem bajulações.
Pois, pra ela, que nada se enfeite ou se esconda.
Desde as minhas juras, até as minhas imperfeições

E vou dizer desde já, sem poder negar,
O quão injusto e triste seria vê-la não apreciar estes trechos.
Perceber, como já ouvi dizer, que sem ela eu não me acho,
Que longe de mim, água sem riacho ela vai se tornar.

Deixo claro que não faço estes versos em um final,
Que ficaram prontos pelo acaso e merecem atenção.
Digo que não são só promessas e explicações . Em seu total,
São preocupações! Um pedido de compaixão.

Sendo assim, peço desculpas a ela desde já.
Peço a sua paixão; a sua alegria.
Ou que me conte seus dias; cada conquista.
Que o “eu e você” não a aborreça.
Para que o meu Eu seja Você e o Nós... exista.

Sonho real

Por Mayara Alves

* **C**heguei lá e tudo era absolutamente como eu imaginava quando me contava tantas histórias, inclusive a lua brilhando forte. Eu vi você ao longe, sorrindo! Aquele risada gostosa de menina sonhadora, que por tanto tempo desejei compartilhar. Pensei em desistir, voltar para casa. E se eu a decepcionasse? E se nosso abraço não atingisse as suas expectativas? Arrisquei! Você, ocupada, estava distraída entre seu mundo de obrigações e todos aqueles pensamentos que precisavam ser divididos e não me percebeu parada ali, à sua frente.

- O que você vai querer?

- Uma dose de abraço, por favor.

Não sei se foi o tom da minha voz ou o pedido inesperado, mas consegui chamar a sua atenção. Olhos nos olhos, tantas eternidades se passaram entre nós. O medo de decepcionar foi trocado por uma vontade incontável de provar a teoria do sol, a nossa teoria do sol. E quer saber? Eu estava enganada! A intensidade, o conforto que o sol transmite não é nada comparado com a sensação de abraçar você. Quando as primeiras palavras foram trocadas, ainda a sentindo em meus braços, e esboçou-se o primeiro sorriso, algo aconteceu, como se o universo estivesse, por um átimo de segundo, paralisado...

toc toc toc

- Mayara! Você passa a noite acordada, sem fazer nada, e, de tarde, resolve dormir? Levante e vá fazer alguma coisa da vida!

Eu só queria terminar aquele abraço...

TRÊ MU LO

Por F. Pellicer



Como é bom!... sentir o orvalho envolvendo todo o ar dessa madrugada,
as ruas escuras de asfalto molhado. Casas sortidas de luzes acesas,
e essa minha roupa que lembra o sul.

O mundo poderia continuar tão tranquilo quanto agora,
infestado de sentimentos bons, fazendo a vida parecer razoável.

Sabe, ter aquela sensação dos lençóis de cantos gelados,
e no meio, o calor de um corpo a esquentar.

Veja só, que olhos de clareza sem fim... E essa luz da manhã atravessando a fresta,
se tornando dourada assim que bate em seus cabelos.

Lençóis brancos, juntos à janela acortinada.

Um sorriso, um engodo que entorpece meu corpo.

Vil e sutil, tão nobre quanto a paciência dos cavalos escravizados a puxar carroças.

Encolho-me e sorrio como se fosse durar para sempre,

manhãs sem ruídos e compromissos. Assim sou, assim tu me tornas, transforma.

Fico excitado, fico iluminada; por que assim sou, sem sexo, sem voz e poder.

Você não, ó causticante fulvo viril! Braços que dizem muito mais que línguas astutas;
código indecifrável que surge sem ser anunciado.

Voz permanecida no silêncio; lábios, gengiva e dentes

que não dizem nada além de palavras camufladas em expressões.

Relapsas, deixam escapar a vida; significâncias escondidas,

envoltas na proteção cautelosa de se permitir ser, mas se privando...

Privando-se do real e continuo ato de viver.

De repente, sem expressão.

Penetrando meu eu, explorando não as vísceras literais,
mas tudo que a matéria parece esconder.

Desvenda-me! Me desvenda?

Revela-me todo, como cartas de tarô, espalha-me numa mesa.

Você, meu limbo.

Trêmulo, alma longínqua que jamais terá o prazer do calor.

DOM

Por Ana Nery

Ele queria aprender a ser escritor, seu grande sonho, seu grande amor.

Foi assim que pensou e montou sua estratégia: iria matricular-se em cursos de Oratória, Jornalismo e Letras. Depois, procuraria alquimistas, cartomantes e videntes em geral para saber se obteria sucesso e, por fim, traçaria suas metas em relação aos tempos presente e futuro.

Daria tudo certo.

E assim o fez, seguiu suas estratégias e metas propostas. Chegou aonde queria, tornou-se um grande escritor, ganhou prêmios renomados, enfim, chegou aonde sempre quis chegar.

Porém, ainda lhe restava uma última coisa a fazer - conhecer aquele que o inspirou a querer ser tudo o que ele almejou. Depois de algumas ligações, usando a influência que tinha, conseguiu marcar um encontro com seu grande exemplo.

Na hora marcada, encontrava-se frente a frente com sua fonte de conhecimento pela escrita, nem se sentou e já começou a falar-lhe sobre como traçou o seu destino para chegar até ali. "Estudei, fiz cursos, consultei pessoas esotéricas para que nada desse errado no meu objetivo futuro." O inspirador soltou um sorriso largo, e, em seguida, libertou suas palavras: "Meu querido, a gente não aprende a ser escritor, a gente nasce escritor. É só assim".

Ele apertou o peito, fechou os olhos e disse: "Então, quer dizer que isso sempre esteve aqui, dentro de mim?!".



Altruísmo



Por Bruno Ricardo Ottenio de Souza

Após comer arroz, feijão, bisteca frita e abobrinha refogada, fui esticar as pernas e dar uma conferida nas vitrines do centro da cidade. Gosto de acender um cigarro de menta e pitá-lo vagorosamente entres os transeuntes, crente de que não incomodo ninguém com a fumaça. Afrouxo a gravata e abro o último botão da camisa; quando o careta acaba, subo lastimando a ladeira que divide o escritório do centro e me confesso desgostoso só de pensar na longa tarde de trabalho que me aguarda.

Hoje resolvi fazer um caminho diferente. Como soube que abriram uma loja de discos na esquina da Carlos Vieira com a Governador Saraiva, resolvi dar uma passada lá e desembolsar alguns trocados jogados no bolso do paletó para o bem da minha coleção; mas não foi bem isso que aconteceu. Quando virei a Governador Saraiva, senti cinco dedos finos e sebosos me puxarem pelo pulso.

- *Aí, Dotô, na moral, irmãozinho, bora descolá um real preu cumê um bagulho na conectividade, podes crê ?*

- O QUÊ ? – Não entendi nenhuma palavra do que aquele moleque disse.

- *Porra, chefe, tô na maior larica aí, podes crê, faz mó cota que não bato uma chepa, firmeza dotô, arruma na humildade um real preu cumê um dog ali no café, podes crê.*

- Qual é seu nome, garoto ?

- Meu nome é Maiconsuel da Silva Nascimento.

- Você tem quantos anos, moleque ? – perguntei com ar de superior

- *Tenho quatorze, moço, tô nessa correria aí desdos nove, podes crê ?*

- E você mora com quem, guri ?

- *Moro com mais ninguém não, dotô, tô no corre sozinho.*

- Corre ? – perguntei confuso.

- *É chefe, tô no corre sozinho faz mó cota. Agora tô correndo pelo certo manja, mais já corri muito errado, irmãozinho, fugi de casa no pianinho quando tinha só nove ano, podes crê, minha coroa era mó zica, me batia com o cabo da vassora na frequência, aí casou com o meu padrasto e o chicote estralou, aí resolvi metê o pé. Quando cheguei na rua, cheirava cola e fumava pedra pra dar um baratinho e matar a fome.*

- Mas você é só uma criança !

- *Criança é o caralho chefe, tá me tirano ? Sô sujeito home! Já matei e já meti o cano em muita gente, mais agora eu tô pelo certo.*

Aquele moleque negro, sujo e malcheiroso tomou o meu dia todo. Sentia-me no dever de fazer algo por aquele desgraçado. Nem voltei pro trabalho. Procurei o restaurante mais próximo e pedi para que ele se servisse à vontade. O guri nem conseguia respirar. Atrás da montanha de comida, viam-se apenas os cabelos duros e despen-teados se afundando entre a carne de panela e a feijoada. Fiquei apenas observando e achando graça em tamanha fome. Quando parou de comer, se recostou na cadeira, pôs a mão sobre o estômago e suspirou de alívio.

- Satisfeito ? – Perguntei ainda achando graça.

- *Orra, Dotô, rango top !*

Saí do restaurante e me despedi do garoto, saquei cinquenta reais da carteira e pus no bolso da calça dele; com o sorriso de orelha a orelha, o moleque se enrolou no cobertor, agradeceu, virou as costas e partiu.

Confesso que me senti inexplicavelmente bem, com o dever cumprido. Tinha feito minha boa ação do dia, estava de consciência tranqüila, em paz com os meus deveres cristãos. Cheguei em casa e contei orgulhosamente tudo o que havia acontecido para o Bento, meu filho caçula, que, com a inocência de uma criança, me perguntou:

- Papai, amanhã você vai levar o menino pra almoçar de novo, não vai ?

Cadê?

Por Mariângela Silva de Almeida

Eu era assim... controlava tudo.

Desde a conta do banco, a hora de acordar, comer e deitar, até o crescimento das plantas, o começo, meio e fim de minhas histórias pessoais, o que ia dizer, sabendo o que o outro ia pensar; o que pensar, ao dizer ao outro.

Controlava a temperatura dentro de casa e fora dela, o intestino – quando prender, quando soltar.

Os sentimentos e sua intensidade – agora é hora de odiar muito! Agora é pra se apaixonar total! Agora esquece esse e procura outro!

Controlava o trabalho, quem trabalhava comigo e quem não trabalhava.

Imaginava o que comprar para agradar aquele que sempre se desagradava de tudo e já sabia o que ele ia dizer, quando o surpreendesse.

Controlei a gravidez, as contrações, a dor que senti, a depressão que veio depois...

Os orgasmos – dele e meu – os gemidos na hora da transa, o revirar de olhos...

Tudo, absolutamente tudo, estava sob o meu controle!

Mas um dia, sem mais nem menos, dei de cara com a minha kriptonita, que derrubou um a um os meus poderes de autocontrole e de controle do outro e dos outros... todos!

Puft! Sumiu. A conta no banco estoura todo mês. Não sei mais o meio e o fim de minhas histórias pessoais. A temperatura desregulou total. Nem imagino o que o outro está pensando, muito menos o que vou dizer. Perdi a noção do que comprar pra aquele que reclama de tudo. Não sei mais qual é a melhor hora dos orgasmos – meus e dele.

Meu intestino? Agora tem vida própria!

E cadê o maldito controle da TV?



Aparências

Por Jéssica Valim Amâncio da Silva

E a maldade que se dá por sorrisos inocentes?

O garoto, que ontem era crente,
hoje cheira cola na esquina,
e troca qualquer coisa por cocaína.

A menina, que vai todo dia à escola,
engana bem todos os que estão em volta.

Dentro da mochila, esconde a roupa e a grana,
o que veste e o que ganha, quando vai fazer programa.

Sempre de óculos escuros,
vive dizendo que o filho não tem futuro...

A mulher, que finge ser elegante,
bebe suco natural e esconde na bolsa o refrigerante.

Raros são os que não abusam do cinismo
e realmente são o que dizem ou o que mostram ser.

O homem, que dá palestras sobre alcoolismo,
vai no bar tomar uma para espairecer.

Inverno

Por Sarah Maria Mendes da Silva

Eu não tenho você agora.

O vento é frio, o silêncio eterno.

Nas folhas, o orvalho chora,
anunciando a chegada do inverno

Meu amor, já faz tanto tempo,
tanto tempo, que você foi embora,
que, às vezes, ouço no vento
sua voz me chamar lá fora

A única coisa que me acalanta,
nessas noites de inverno,
é seu perfume na velha manta,
que, às vezes, parece eterno

Como a folha despedaçada,
minha face está seca, mas minha alma
se parece com a orvalhada,
que chora na tenra palma.

Conflito

Pessoal

Por Karen Monteiro e
Patrícia Oraggio

Diante do espelho...

-O que você está olhando, seu feioso?

-Diga-me você, estou apenas no reflexo...

-Pois é, é só você que consigo ver, sua bolota asquerosa!

-Pare de reclamar! Sou eu quem lhe confere destaque!

-Esse é o problema, você se destaca demais! As pessoas nunca reparam nos meus olhos, no meu sorriso ou nos meus cabelos; só veem esse trambolho no meio da minha cara!

-Você se deixa levar demais pelo que os outros dizem... acho que você precisa de um tratamento.

-Você é que precisa de um tratamento! De um estético... e urgente!

-Pare de se queixar... sem mim, os mais doces aromas da natureza nada significariam para você...

-E os piores fedores também não!

-Isso não vem ao caso...

-Claro que vem! Desde que eu me entendo por gente, você me envergonha, me irrita, me faz desejar esconder-me do mundo... e até de mim mesmo!

-O que você está fazendo?! Tire esse pano de cima de mim!

-Calado! Vê se sai da minha vida de uma vez por todas!

-Não diga isso! Sem mim, como respiraria? Como seus pulmões receberiam o ar necessário à sua existência?

-Saia já daí! Saia já daí! Saia, praga da minha vida!

-O que você está fazendo? Não mexa no curativo!

-Que curativo? Onde estou?

-O senhor acabou de fazer uma cirurgia plástica no nariz.

-Puxa! Que legal! E como estou agora?

-Hum... bom, ficou... delicadinho!

-DELICADINHO?!



Só por um instante

Por Quelcilene Silva Rios da Silva

Queria eu que ele fluísse por todos os meus poros;
Que me arrebatasse e me levasse ao mais sublime dos céus,
E que exalasse seu doce aroma, a ponto de embriagar-me;
Queria me perder num redemoinho de emoções violentas,
Queria que ele não fosse mais uma silenciosa agonia,
Quem me dera fosse música, fosse melodia.

Beberia sua alma,
Mergulharia em seu espírito,
Descobriria qual é o seu segredo.
Tornar-me-ia nada, se fosse por você
Poderia ser seu tudo, se você assim o quisesse.
E mostraria que, por trás dessa máscara de indiferença,
O que eu sentia era amor.

E por mais que o rejeite,
Por mais que não o aceite,
Eu queria, só por um instante...

67tnoJ dições do *amor*

Por Juliana Cavalcante

Ele entra sem pedir licença e vai logo invadindo os que se encontram à sua frente.
Dizem que ele nasce no coração,
vive na saudade e talvez morra na ilusão.
Anda sempre acompanhado... muitos já o viram de mãos dadas com a felicidade, mas momentos depois com a dor;
traz consigo a imortalidade e é conhecido como amor.
O amor não tem tamanho definido, horas é pequeno,
tantas outras gigante, para muitos, supérfluo, para poucos, exuberante.
O seu cheiro adocicado faz arder quem o sente
Tem o andar silencioso, com um grito estridente.
O seu doce gosto de fel nunca perde o sabor de mel.
Não se sabe ao certo sua cor; tem o negro da escuridão
misturado com o verde da liberdade.
O amor não escolhe origem, sexo e nem idade.
Atinge alto, baixo, gordo ou magro, ruivo, loiro, negro,
branco, moreno...
Carrega em suas asas a esperança e sempre deixa seu riso sereno.
O Amor estimula a imaginação,
Sua não correspondência pode prejudicar o coração.
Para alguns, seu uso traz enorme alegria, para outros, grande agonia.
Quem o tem não quer perdê-lo e quem o perdeu não o busca ter.
Chega com o Crepúsculo ou com a Aurora e cada um o sente, quando chega a hora.

Esperanças que se renovam

Por Nathan Martins Lemes

Abraços não dados, olhares avassaladores
Abraços enlouquecidos, olhares trêmulos
Abraços dados e não correspondidos
Abraços desejados.
Esperança, “a última que morre”,
A primeira que mata.
Beijos não dados, mas sonhados
Na tristeza de uma lástima.
Uma palavra de conforto e, com ela,
Um riso de ânimo.
Um construtor de sonhos, um arquiteto?
Não de casas, mas sim, de esperanças que se renovam
Na singeleza das palavras, um encontro
Com a liberdade.
Abraços não dados, beijos não dados,
Olhares desesperados, palavras trocadas.
Metáforas, metonímias, ironias, ambiguidades,
Despedidas, saudades.
Olhar o relógio torna-se sentimento,
E, com isso, um imaginar de esperança, mas
Em meio ao mapa, por escalas, separamo-nos, mas
Metafisicamente, em outro plano, há o encontro.



Trip in Silence

Por Rafaella Martucci de Godoy

Ela respirou fundo e apoiou a cabeça no encosto do banco. Naquela noite, como nas demais, enquanto o ônibus corria pela estrada, as árvores passavam pela janela feito borrões de tinta, os faróis dos outros carros iluminavam de tempos em tempos o interior do veículo, as pessoas lá dentro voltavam para casa depois de mais um dia de trabalho e/ou de estudo. A sensação era de que ela era a única acordada, além do motorista. O silêncio das vozes dos companheiros era estranho e o único barulho que ela ouvia era a música que saía do seu fone de ouvido.

Ele sentou-se no banco vazio ao seu lado. Ela ousou uma olhada discreta para ele. A escuridão no interior do veículo não permitia que percebesse se os olhos do rapaz estavam abertos ou não, mas algo no jeito de se sentar indicava que ele estava dormindo. A discreta olhadela se prolongou mais um pouco e ela passou a reparar no rapaz sentado ao seu lado...no rosto dele parcialmente coberto pelas sombras, na camiseta, no jeans caro... Balançou a cabeça. Não, não era isso que o tornava (irritantemente) atraente, não era isso que chamava a sua atenção. Olhou mais uma vez. Começou a entender. Havia uma aura de segurança que saía dele, mesmo quando dormia. Talvez o jeito posado, seguro, convicto. Não era só o cabelo impecável, nem as roupas de marca. Não se tratava apenas do perfume suave que exalava dele, perceptível assim que entrou no ônibus. Era o sorriso reservado, mas galante que, às vezes, se estampava em seus lábios por um sonho misterioso. O porte seguro, ainda que arrogante. E a certeza. Certeza de que ao lado dele você seria cuidada, protegida, amada, ainda que ele parecesse tão frágil, dormindo.

Mas havia algo naquilo tudo que soava dolorosamente óbvio. Era uma verdade, um fato e, quando ela admitiu isso para si mesma, um riso triste perpassou pelos seus lábios. É claro que alguém assim, como ele, já tinha outra pessoa. E, provavelmente, uma garota tão fantástica quanto ele. Contudo... naquela hora, aquela verdade não machucou tanto. Ela sabia que seus momentos com ele se resumiriam basicamente em silenciosas idas e vindas dentro daquele mesmo veículo. Ela, provavelmente, comentaria com alguém seu jeito arrogante demais, esnobe demais, seguro demais, como se fosse uma crítica, mas, secretamente, ela admitiria que essas características, na verdade, a encantavam e, quando chegava em casa, antes de adormecer, ele ainda preenchia seus pensamentos, o que o fazia, às vezes, participar de algum sonho louco em que eles eram um pouco mais do que simples estranhos dentro de um ônibus.

Mas, naquela hora, ali, ela o tinha ao seu lado e, ainda que estivesse longe e fosse forte, intocável, se ela movesse sua mão alguns milímetros, tocaria a dele. Ela se deixou levar, naquela volta para casa, e, só por alguns minutos, no silêncio que nem sabia seus nomes, as estrelas assistiram ao seu desejo, e ele foi dela.



Recife minha saudade



Por Luciano Danttini

Sei que de saudade vou morrer,
Se um dia ao Recife não voltar.
Ô mar, onde tantas vezes minhas mágoas fui matar.
Que saudade você me dá!
Sei que de saudades vou morrer,
Se um dia no Recife não encontrar
Os amigos e uma amiga lá da Ilha
Que parece uma índia, do outro lado de Itamaracá.
Sei que de saudade vou viver,
Bom tempo já faz que vim pra cá.
A canção que canto, o verso que escrevo
Não têm o valor que tinham por lá,
Sei que com saudade vou dizer.
Sei que sem saudade vou ficar,
Flutuando nas águas nos braços de Inha,
Com o som do Recife a nos balançar.

A Seguidora de Passarinho

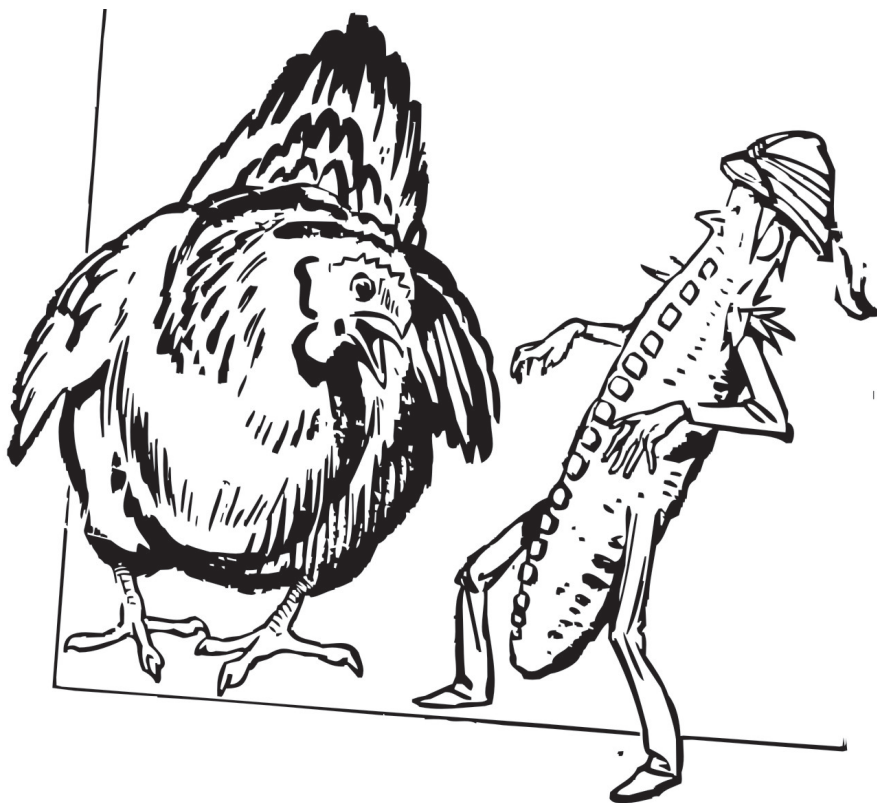
Por Cláudio Sgroi

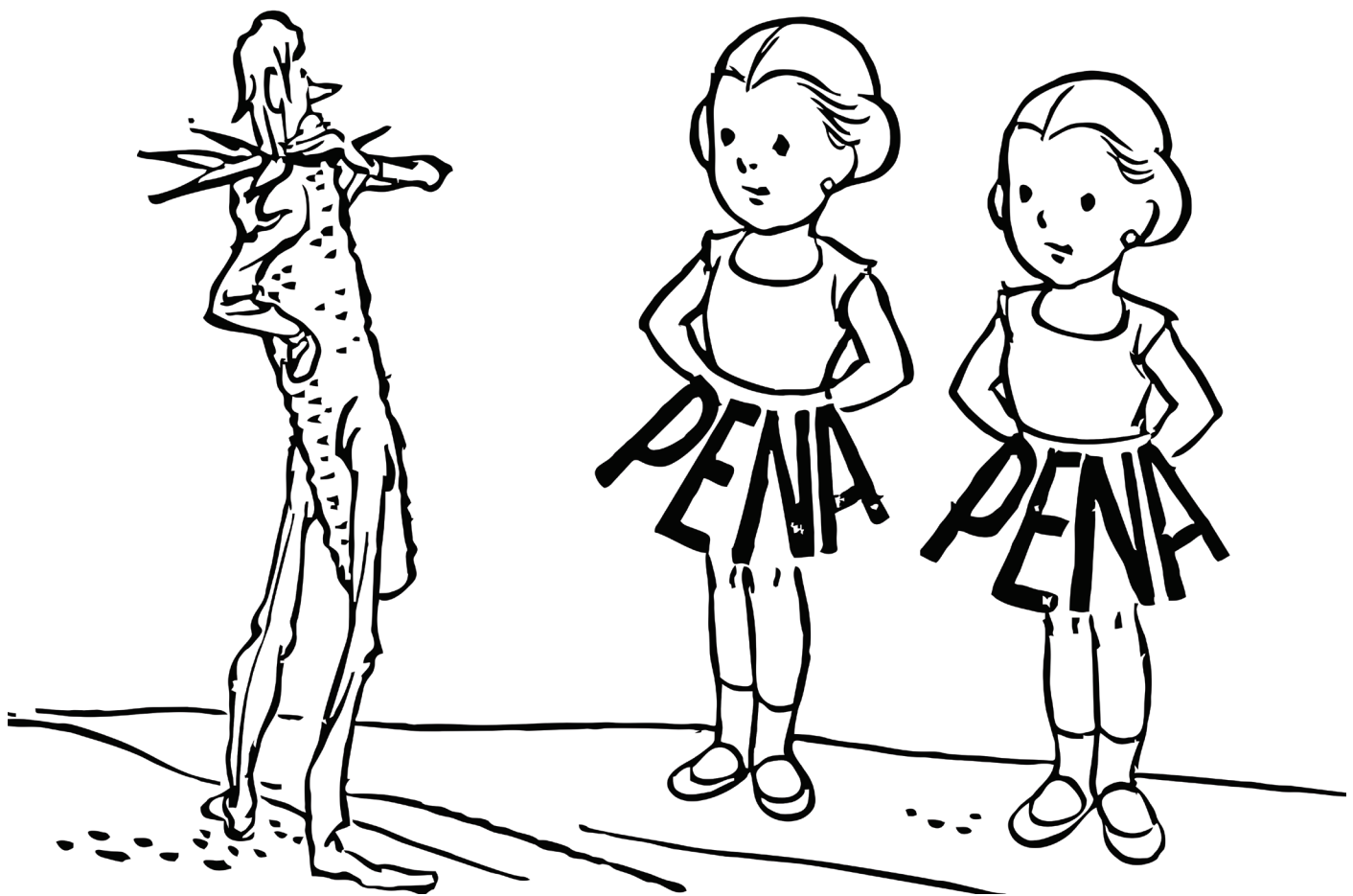
Quando ele passava, ela seguia
Não ligava pro tempo
Era só segui-lo vida adentro
Que então de tudo se esquecia

Quando voava, ela seguia
Não pensava em tristeza
Apenas seguia com tanta destreza
Que nem se lembrava de nenhuma agonia

Ela corria por trás da campina
Sempre seguindo com tanto carinho
Viver a vida, seguir passarinho

Como sonhava aquela menina
Que tornava a voltar pelo mesmo caminho
Só pra seguir o tal passarinho





O Mendigo e o Rouxinol

Por Livia Helena P. Cunha

Você já viu um rouxinol?

Dizem que, enquanto os homens dormem, eles saem para cantar e, se algum humano estiver acordado e ouvir sua melodia, será abençoado com um futuro próspero. Dizem ainda que o canto do rouxinol pode curar até os mais enfermos e, se escutado com atenção, prediz boas venturas.

Certa vez, o rei de um reino muito longe, escondido pelas montanhas do horizonte, que sofria de uma doença terrível, ao ficar ciente de tais boatos, resolveu oferecer sua filha, dona de notável beleza, em casamento ao caçador que primeiro encontrasse um rouxinol e o trouxesse à corte, para que fosse curado de sua enfermidade.

Os melhores caçadores de todos os reinos se alistaram. E regressaram com as mais belas aves dos quatro cantos do mundo, que, apesar da sua grande beleza, não passavam de pássaros mudos. Tal infortúnio fez tão mal ao rei que, após seis dias de espera e perseverança, acabou por sucumbir ao desgosto.

No sétimo dia, ao nascerem os primeiros raios de sol, surgiu um mendigo de vestes surradas, comidas pelo tempo e de olhar cansado.

- Vim para reivindicar minha esposa, como foi prometido pelo rei, pois tenho um rouxinol com um canto maravilhoso. – disse o rapaz.

A princesa, enojada com a aparência do homem, retrucou, com um misto de afronta e asco:

- Vê aqueles caçadores com suas armas? São experientes e renomados e, no entanto, nos trouxeram apenas aves mudas. Quem é você para pensar que pode reivindicar algo deste reino? Não vejo sua ave e, além disso, meu pai está morto.

Diante da afronta, o mendigo esboçou um sorriso pacífico como o de um ermitão.

- São tantas as lendas acerca deste pássaro que, enquanto os homens armados saem à procura de uma ave majestosa, com penas de ouro e cauda de fogo, os verdadeiros rouxinóis, aqueles pequenos e sem cor, mas cujo canto tem enorme poder, estão bem debaixo de nossos narizes, ocultos pelos galhos de arbustos.

Dizendo isso, o rapaz abriu suas mãos, revelando um pequeno pássaro com cores nada extravagantes, mas que, diferentemente de todos os outros ali, começou a cantar. Seu canto ecoou por todo o reino e o rei, que aparentemente estava morto, acordou de seu sono, ouvindo-o, completamente curado. O nobre ficou tão grato, que ordenou aos guardas que preparassem a cerimônia de casamento da princesa imediatamente.

E assim o mendigo casou-se com a princesa, virou príncipe, herdou o reino e viveu feliz por muitos anos.

AVE MARIA

Por Simone Pedersen

O meu sonho sempre foi ser freira. Chamar-me Maria. Mas nasci com asas, sem ser anjo. Posso me aproximar de Deus de outra forma. Consigo subir até Sua casa.

Antes de a noite acordar pela manhã, as irmãs libertam a respiração do convento pelas janelas: “Tum-tum”, “Tum-tum”, escuto o coração do convento pulsando em reza. Ah, se não fosse ave, seria freira! Como é encantador ouvir os passos delas flutuando pelo piso frio do convento, como se voassem, sem abrir as asas. Logo começam as xícaras a tocar piano e eu sinto o aroma de café.

O convento é um grande ninho onde moram anjos em forma humana. Gosto de sobrevoar os telhados e sentir o calor que irradia pelas suas janelas. O próprio sol visita as suas dependências e depois se esparrama pelos seus pátios e frestas. Fico tão emocionada, que arrulho de encantamento.

Às vezes, sinto saudade do cheiro verde das matas e voo até lá. Como é extasiante sentir odores tão diferentes! A maresia, que salga as narinas. O café quente do convento. Os perfumes de banho dos humanos que andam de um lado para outro, como formigas trabalhadeiras. Sou mesmo uma ave privilegiada, testemunho a história desse povo todos os dias. De um lado, as doces beatas; do outro, o salgado mar de botas molhadas. O vento traz folhas da mata, que acariciam os rostos dos homens. O chafariz respinga lágrimas de felicidade desse solo abençoado.

Outro dia, muitas nuvens se aproximaram do convento. Extasiada, deitei-me sobre o telhado e permiti que as águas doces me banhassem de todas as minhas decepções. Eu aceitei quem eu era. Como havia pessoas humanas e animais, havia eu, ave. Tantos similares e tantos diferentes, convivendo com árvores e mares, chuvas e risadas. Únicos e realizados. Filhos da natureza. Pais de nossos sonhos.

Eu sempre quis ser freira. Mas nasci ave. Acho que a vida foi muito generosa comigo. Não sou uma pomba qualquer. Sou uma ave brasileira, alegre como uma cigana, viajando entre o mar, a mata e a cidade, em um tapete mágico movido a vento. Sou uma ave maravilhada. Sou uma ave dessa terra santa.



Estrela longínqua

Por Guilherme Lutti

Uma estrela refulge pelo espaço.
A luz que dela vejo é o eco distante
De um passado na aurora rutilante,
Do qual sobra apenas brilho escasso.

Seu passado, que morre a cada instante,
Deixa na escuridão pálido traço,
Rastro do agonizante viajante,
Que se vai esmaecendo passo a passo.

Estrela que brilhou com força outrora,
Sua longínqua imagem, indo embora,
Não diz que morta estás há muitas eras

Estrela que na noite vai sozinha,
A solidão na qual te desesperas,
Não será ela, talvez, igual à minha?

Às vezes acho que deveria ter morrido

Por Gabriel Castelar Silva Brito

Acordei sentindo sons do averno,
Sussurros distantes exalando insanidades,
Repartindo o pão em várias partes,
Que ficam em mim por tempo eterno.

As lágrimas caem despedaçadas
Pela noite, que chega depressa.
Senti uma mão me tocar abençoada
Segurei insolente a última lágrima que resta.

A vida sorriu seus raios de sol
Meus olhos de dor se abriram
Fiquei junto dos que sempre ficam.

Mas o averno sussurra ao longe,
Gritando tantos prantos sofridos,
Que, às vezes, acho que deveria ter morrido.

Escarlatina

Por Mariana Alves

Toc, toc, toc, fazem os saltos. Um rastro de perfume instigante e provocador é deixado por onde ela passa. Espera por suas vítimas indefesas enquanto se recosta sensualmente na parede da antiga construção abandonada da cidade, envolta pela escuridão da madrugada. Pouco se vê, apenas a silueta delicada de uma bela mulher, cabelos longos, roupas curtas e apertadas demais, maquiagem forte, os olhos levemente verdes e marcantes, o batom vermelho se destacando na pouca luz do poste precário daquelas ruas sujas, conhecidas por seus bordéis.

Ana era conhecida por ali. Afinal, todas as noites deixava sua casa para perambular pelo bairro, sempre com um único objetivo: aproveitar-se da fragilidade masculina para, com sua beleza, satisfazer os desejos deles.

Atraía suas presas para um quarto e os enlouquecia. Os homens tremiam, sentiam calor por todo o corpo ao sentirem os toques, os beijos, as carícias e a sua respiração de Ana em seus ouvidos.

Ao chegarem à loucura total, o seu estado febril dos vulneráveis homens os impedia de enxergarem o perigo iminente. Estavam embriagados com a sensualidade da mulher, perdiam-se cada vez mais em suas curvas, o seu doce perfume os cegava.

Nesse momento, Ana abria um sorriso maléfico e louco. Pegava o pequeno punhal escondido no canto da cama, segurava-o firme, erguia-o com suas mãos e cravava a lâmina na garganta de seu brinquedinho, de seu animal encurralado entre a dor e o prazer. Rasgava-lhe o esôfago inteiro e o sangue jorrava lindamente sobre os lençóis brancos e sobre o belo corpo de Ana. Suas mãos vermelhas passeavam por seu pescoço numa carícia de felicidade e satisfação. Era o auge do seu prazer, o ápice que ela tanto queria e pelo qual esperava sempre que podia.

Ao fim da brincadeira, quando o corpo já não mais tentava se livrar dela ou se debatia, Ana dava um jeito de descartar aquele pedaço de carne imóvel, limpava o quarto, trocava os lençóis, tomava um banho e se produzia novamente.

Lá ia ela, novamente, atrás de mais uma vítima idiota.



Quando eu morrer

Por Gustavo Gimenez

Quando eu morrer, quero morrer direito. Nada de morrer pela rua atrapalhando o tráfego ou morrer de repente, no ônibus lotado, voltando de minha jornada. Quero morrer em casa, vestindo minha roupa preferida, bem alimentado, após uma boa leitura. Nesse dia, quero ter lido meu jornal, tratado dos meus cachorros e molhado minhas plantas. Quero abraçar e beijar quem eu amo, pedir-lhes desculpas e pedir-lhes que eu não seja esquecido. Mas, também, quero bater em quem eu não bati e acariciar quem eu não acariciei.

Depois de morto, quero ser bem tratado, bem maquiado e bem vestido. Nada de crisântemos, prefiro rosas, das mais variadas cores. Para o caixão, livrem-me das madeiras maciças, madeiras de lei. Quero o meu ataúde feito com madeira de reflorestamento. Não convidem ninguém para meu velório. Não estarei disposto a jogar conversa fora. Além do mais, não quero que meus inimigos me vejam derrotado e que meus amigos..., na verdade, ainda não os encontrei.

Quero ser cremado e não enterrado. Nada de sete palmos, flores, túmulo, bactéria, putrefação. Quero virar cinzas, para depois virar adubo, esse será o meu fim.

No dia seguinte, quero que minha morte tenha valido a pena. Seria ótimo que fosse decretado ponto facultativo nas repartições públicas, que os jornais dedicassem um caderno especial à minha pessoa, falando sobre meus feitos ou relatando que eu não fiz nada de especial. Mas, nada de propaganda nesse encarte... não quero gerar lucro, apenas despesas.

Mas por que pensar na morte, se estamos vivendo? Ora, e o que devemos fazer em vida senão pensar na morte?



Contato

Por André Guedes de Toledo

Veio a brisa tocar a pele.
Corpo se fez tato por completo.
E corpo feito tato é concreto contato.

Na brisa, vinha a umidade
E umidade, para o tato, é toda afeto.
Fragmentos hidratados de ternura.
Vapor d'água que estimula os pelos.
Vão todos altos, como brotos.

Mas, se há poeira na brisa, é assalto.
Mil armas brancas contra a testa.
E não há no corpo contra-ataque.
São armas tão pequenas que o cortam
enquanto ele, aflito, só se fecha.

Contato direto, maldito.
Como pode um corpo tão exposto.
O tato é medo, é medo, é medo.
Melhor fugir e se esconder na roupa.

Roupa-corpo que os torna puros,
pureza feita ao apuro de viver nu.
Mas proteção é também como a poeira.
Corpo a corpo é tudo o que toca.
Mas é também tudo que vê e é visto.

O vento vem para romper a barreira.
O vento é umidade, é poeira.
É também árvore, pedra, madeira.
É a água de março,
é a água do Mar Asiático,
é a lava lançada no ar pelas bocas da terra,
é o chão que parece faltar sob o Japão.
O vento é morte, é vida, é guerra.

E vento para o tato não é estupro.
Não há roupa, não há pele, não há pelo.
É tudo apelo, pelo contato perdido.
O tato, sob violência, se torna vivo.
E o medo, aumentado, desmancha.
Na guerra do tato,
armar-se é abrir-se por completo.

O Menino Que Andava Sozinho

Por Danilo de Oliveira Pessoa

O menino acordou.
Olhou para sua roupa. Percebeu que estavam sujas e rasgadas, como as de um menino de rua. Começou a andar. Alguns minutos depois, olhou para os lados. Percebeu que não conhecia ninguém e, quase instantaneamente, percebeu que não se conhecia. O menino não sabia seu próprio nome, nem o motivo de estar a esmo vagando pela rua.

Começou a ficar desesperado, não porque ele não conhecia ninguém, mas sim porque ninguém o conhecia. Ele estava desesperado, porque se descobriu só.

O menino começou a chorar silenciosamente. E, enquanto chorava, foi percebendo coisas. Ficou impressionado com a quantidade de carros que passavam pela avenida e pela quantidade de pessoas que passavam pela calçada. Ele percebeu que nenhuma das pessoas da calçada ou nenhum dos motoristas da avenida olhava para ele.

O menino viu um homem nervoso esbravejando para um celular, viu vários motoristas dirigindo, provavelmente, para seus respectivos trabalhos, viu casais andando abraçados ou de mãos dadas, viu outros meninos de rua.

Foi aí que percebeu outra coisa. O homem ao celular também estava sozinho, assim como os motoristas da avenida e os outros meninos de rua. Até os casais, apesar de juntos, estavam sozinhos, cada qual com a sua própria individualidade. Por mais egoísta que aquilo fosse - e o menino sabia que o era - a solidão das outras pessoas o acalmou. Ele descobriu que não estava sozinho em sua solidão. Descobriu que todos estavam sós e todos compartilhavam uma solidão velada.

O menino, então, se acalmou. Continuou sozinho. Mas ele sabia de sua solidão, ao contrário das outras pessoas. Elas não sabiam. Pobres e ignorantes pessoas! Tão ocupadas com o trânsito, com o trabalho e com o movimento, que se esqueciam de olhar para o lado. Elas não percebiam a vida, apenas a sua própria existência.

O menino percebeu que estava com sono. Deitou-se no chão e teve um sonho lindo. Ele sonhou que estava numa ilha... sozinho.

DESENCANTO

Por Clebson Moura Leal

Hoje mesmo se viesses a mim chorando,
quão delicadamente então te abraçaria...
Mas a tua presença é frágil duna ao vento
e em minhas mãos levemente se desfaria!
E não sei agora, nunca saberei realmente,
com qual lágrima talvez que te chamaria...

Oh, tanto é silêncio... tanto é distância...
que já não deixas memória, aonde vais.
E a minha alma, tão florida e delicada,
perde pétalas e aromas, entre longos vendavais.

Por nada, nada em que haja lágrima ou voz:
bem sei que não voltas... não mais...

A Última Dança

Por Marina Donati Valverde

Abriu o armário e, ao lado de seu antigo vestido de festas, encontrou o terno dele, em que ainda podia sentir seu cheiro. Tirou-o de lá e colocou-o em frente ao seu corpo. Olhou-se ao espelho e soltou um longo suspiro, enquanto fechava os olhos e abraçava o próprio corpo, balançando-se de um lado para o outro.

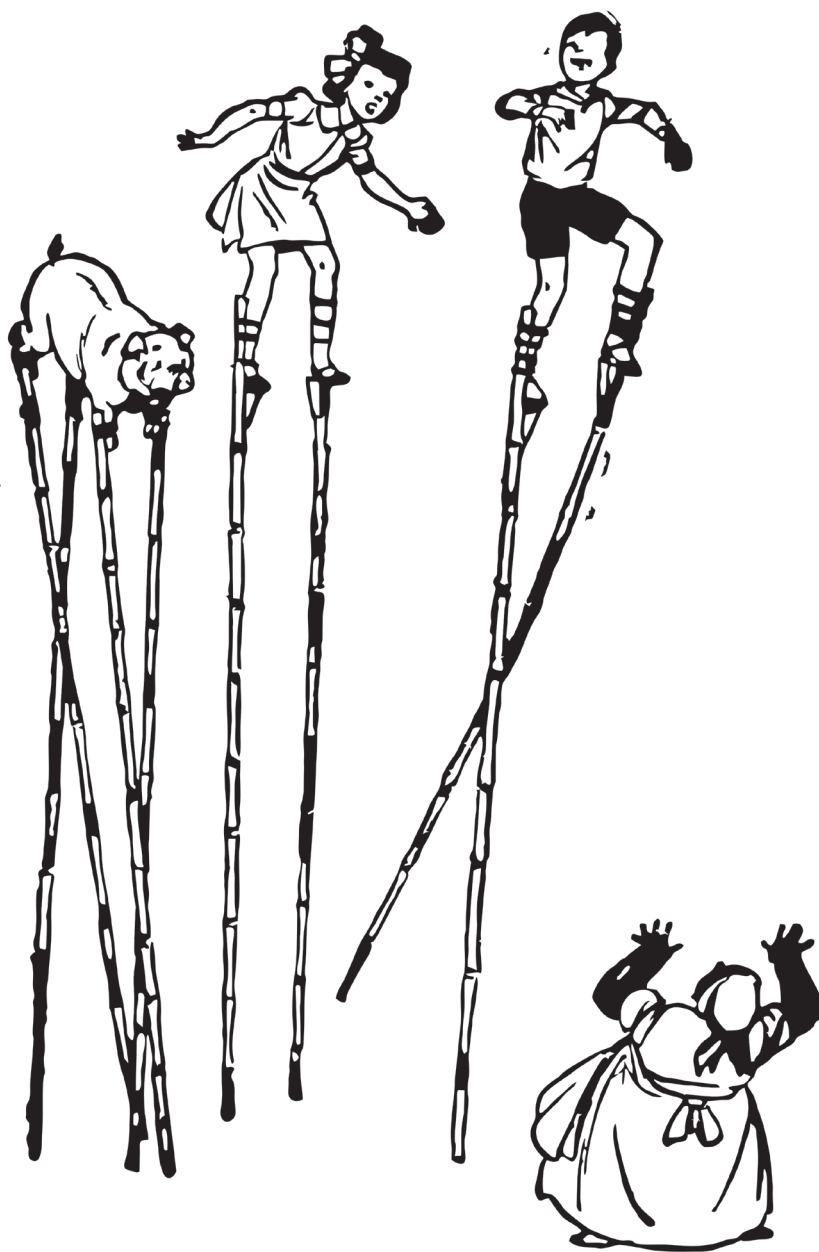
Lembrou-se daquelas noites, quando ele a levava para dançar. Formavam o par mais gracioso, diziam todos. Eles, modestos, diziam que dançar era uma paixão que tinham em comum e, quanto mais dançavam, mais entravam em sintonia.

Abraçou-se mais forte e lembrou-se dos sorrisos e olhares que trocavam. Deixava-o dançar com as outras, pois sabia que tais olhares e sorrisos eram apenas seus. Divertia-se quando ele desviava a atenção dos passos para lhe dar uma piscadela e, então, tropeçar de propósito, fazendo-a gargalhar.

Uma lágrima teimosa desceu-lhe a face. Abriu os olhos e viu-o encostado no batente da porta, a observá-la com aquele sorriso de quem sabia de tudo. Ele esticou os braços e pegou seu terno, vestiu-o e sorriu. Estendeu-lhe as mãos e beijou-lhe os dedos. Trouxe-a para mais perto de si e começaram a dançar. Ele cantarolava alguma música, enquanto a conduzia pelo quarto.

Ao final, ele fez uma reverência e deu-lhe um beijo na testa. Ela fechou os olhos e apertou-os. Não queria abri-los e perceber que ele nunca estivera ali, mas logo o fez.

Era hora de deixá-lo partir.



O mundo de Melinda

Por Patricia Oraggio

Melinda era uma criança diferente das outras. Todos, na pequena cidade onde morava, a julgavam e a evitavam. Porque não tinha mãe nem irmãos, vivia sozinha com o pai em uma pequena casa no centro da cidade. Era uma menina muito simples e introspectiva, sem nenhum amigo. Mas nada disso a impedia de ser feliz, pois ela tinha um segredo: seus livros.

A mãe dela foi professora e deixou para ela um grande tesouro, que a menina descobriu por acaso. Era um baú cheio de livros que estava dentro de seu berço todo empoeirado, no sótão. Os livros tinham temas variados e logo despertaram a curiosidade da garotinha.

Melinda aprendeu a ler muito cedo e não demorou para começar a desfrutar das histórias deixadas pela mãe. Porém, ela o fazia com um propósito muito claro: criar um mundo só dela, um lugar onde as coisas aconteciam como nos livros, um lugar onde ela pudesse viver como um de seus personagens.

Assim, o sótão empoeirado sempre dava lugar a diferentes cenários quando ela começava a ler. Podia ser uma floresta densa, uma campina florida, um oceano profundo, uma ilha desconhecida ou simplesmente uma cidade em que as pessoas não a ignoravam e onde ela pudesse sair e andar pelas ruas sem ser julgada ou perseguida.

Porém, Melinda ainda era uma criança diferente das outras. O fôlego e a disposição que ela tinha para a leitura infelizmente não correspondiam ao fôlego e à disposição que sentia fisicamente. Melinda era doente, tinha problemas nos pulmões e sua saúde era muito debilitada.

Quando recebeu do médico a notícia de que sua saúde havia se fragilizado e seu tempo de vida não se estenderia por muito mais, não se deixou abater. Deu um abraço no pai, foi ao sótão poeirento, sem se preocupar se foi ou não aquela poeira que piorara sua saúde e abriu um livro. E, com um sorriso no rosto, partiu mais uma vez para o seu mundo, talvez, pela última vez.



Causo da Dona Chica

Por Carolina Longano

*Sabi, tava qui refletinu cumigo
Ômi parece sapo!
Qué dizê, girino.*

-Mas por que esse rancor com os homens, Dona Chica?

*Ôxi minha fia, vô li dizê
eu amei dois rapaiz, num sabia u qui fazê.
Mi aproxeguei num, mi aproxeguei notoro
Acabei ficano sozinha, pra num morre di disgosto.*

*Um era feio, otro bonito.
Um era alto, o otro um baxito
Num sabia mi decidi, fui pra sorte
Madami Dita mi falô pra abandoná u loti*

-Como assim, Dona Chica?

*Assim, finha. Larguei dus dois
I vô li dizê: antis agora qui dispois.
Avemariapadimpadição.
Nem penso, si tivesse cum elis. Taria um oriço.*

-Você quis dizer brava?

*Issu, issu memo, bem. Ia tá brava.
Brava comu rinoceronti
Apesar de paricê calmino..ixi
Inda bem qui isso ficô pra onti.*

-Mas então, a Senhora está sozinha, Dona Chica?

*Óia, vô usá a juventudi diagora.
Esperi um tico... num vásimbora
Cumé mêmu aquela ditádu das muié di Pirassununca?*

-De Pirassununga?

*Isso, isso. di Pirassununca.
Minha fia, li digo:
Sortera sim, sozinha nunca.*

Ode a Campinas

Por André Pereira

Odeio e te amo, ó Campinas – minha Lésbia, minha Musa - como a de Catulo e a do Boca do Inferno, com suas liras maledicentes

Ó Campinas, tu, Campinas, ó Campinas do bairro rural do Mato Grosso da Vila de Jundiaí, Campinas da Freguesia da Nossa Senhora da Conceição das Campininas do Mato Grosso, Campinas da Vila de São Carlos, Campinas de Barreto Leme, Campinas do Brasil, Campininas de São Paulo, Campinas dos paulistas, Campinas dos brasileiros e, sobretudo, Campinas dos campineiros!

Campinas dos burgueses boçais, dos pobres sem fé e sem futuro, dos barões, dos impérios e repúblicas do café que puseram esta, outrora vilinha do açúcar, acima, nos mapas dos cifrões ao troco de milhares de negros assassinados!

Campinas das grandes fazendas, dos casarões ostentando tanto luxo e riqueza, que hoje não passam de museus abrigando fantasmas de um passado longínquo, medonho, glorioso!

Campinas de nariz em pé, com status de “capitar carpira que come frango e arrota peru”, fênix ressurgida da mortalha da febre amarela!

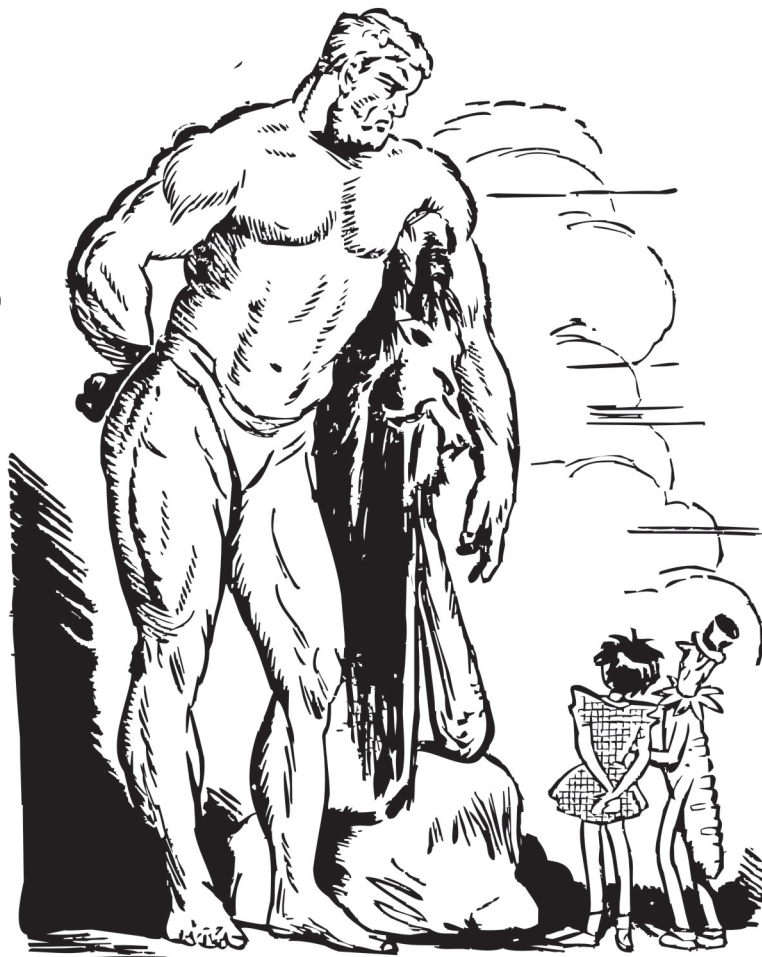
Campinas das revoluções, dos derrotados Liberais do Combate da Venda Grande, Campinas de 32, destroçada pelas bombas vomitadas pelos bombardeiros de Vargas; Campinas de Carlos Gomes que em seu túmulo rege o seu “O Guarani” se contorcendo ao som de marcha fúnebre!

Campinas do Toninho, que um dia sonhou ter uma cidade mais justa, mas hoje não passa de uma Campininas mais violenta e suja! (aliás, Campinas, onde estão os assassinos de Toninho?!)

Campinas de um Taquaral, de um Jequitibá e de um Parque Ecológico, enfadonhos, sem atrativos, monótonos, decadentes!

Campinas da Francisco Glicério adoecida no caos do trânsito selvagem e insuportável! Campinas do formigueiro humano da 13 de Maio!

Campinas do lascivo Itatinga! Campinas que abriga, em suas praças, ruas e avenidas, prostitutas e travestis que querem comprar sua atenção, vendendo sua pornografia degradada!



Campinas dos calçadões, da Catedral Metropolitana onde, à beira de seus pés, muitos fecham os olhos às crianças abandonadas, mutilados, mendigos, bêbados e vagabundos jogados a esmo, vivendo de migalhas do povo e agonizando em sarjetas e escadarias à luz do dia!

Campinas do capitalismo, do consumismo, da ostentação, de um Atibaia transbordando dinheiro! do Bilhete Único e da entrada de cinema que custam os olhos da cara!

Campinas que segue fielmente a máxima da Flâmula Nacional, iniciado por Comte: “Ordem (para os pobres) e Progresso (para os ricos)”!

Campinas de Hilda Hilst, dos poetas que precisam tocar com as Violas da Ira, a Lira Carpira; Campinas das favelas imundas, poluidoras dos olhares campineiros que querem ver uma Campinas mais prodigiosa; Campinas dos DICs, das periferias, das invasões, Campinas dos mais de um milhão de campineiros!

Campinas dos condomínios faraônicos, onde filhos de médicos, advogados e empresários se masturbam e se drogam em banheiros que mais parecem palacetes dourados!

Campinas das senzalas, dos quilombos; Campinas dos escravos, parte primordial dessa amálgama de gente e concreto!

Campinas da Feira Hippie, do Centro de Convivência, lugar das tribos; Campinas dos trens e trilhos apodrecendo, dos dérbis, do Majestoso, do Brinco, da Ponte e do Guarani que como sempre andam mal das pernas!

Campinas das charnecas, dos caminhos para Goiás,

dos caminhos para Eldorado! Campinas dos Bandeirantes, Bucaneiros do Sertão – tão assassinos quanto desbravadores – que fizeram dos campinhos este lugar que ponho a cantar: Campinas!

Campinas de Viracopos, que ainda teima em não decolar para o mundo!

Campinas da Anhanguera, Campinas da Santos Dumont, Campinas da D. Pedro, Campinas da Bandeirantes - vias do progresso – de cujas passarelas aspirantes de suicidas tentam se jogar, vias do progresso - que impulsionam com toda velocidade a carga de um milhão de reais em cocaína e maconha que sustentarão famílias e criarão milhares de novos empregos!

Campinas, cidade do medo, ontem e hoje; megalópole do futuro, dos grevistas, dos operários indefesos, dos festins homossexuais! Campinas dos políticos tão sórdidos quanto o Piçarrão, cujas águas turvas e lamacentas banham não só seu caminho natural, mas a Câmara e a Prefeitura Municipal!

Campinas, que já desabou como Seo Rosa – apático, triste, jogado em sua solidão e desesperança! Campinas dos pedintes de esmola sem graça que ficam por aí empesteando todos os semáforos, fazendo malabarismos e criando uma nova profissão e logo exigirão carteira de trabalho assinada!

Campinas do imundo Mercado, dos teatros com suas paredes e reputação caindo, dos camelôs e carroleiros que se espremem em ruelas e becos de submundos ocultos em meio à selva de pedras!

Campinas dos perueiros, dos botecos, dos Made in China, das espeluncas chinesas que alimentam o nojo com pastéis e salgados de aspecto repugnante!

Ah! Campinas! Campinas! Minha Lésbia que beijo e escarro, cidade lúgubre, minha noiva soturna, escreverei epitáfios e sonetos póstumos para ti e lerei no Saudade, que há de ter mais animação que qualquer outra coisa que viva em suas entranhas, ó Campinas!

Campinas! Não sou bicho do mato não, sou bicho do asfalto: respiro fumaça e me alimento de poluição; Campinas de Barão Geraldo, Campinas de Sousas, da Mata-Santa Genebra (que desaparece a cada ano que passa); Campinas que me viu nascer, me acolheu, me viu crescer e quer me ver morrer sobre teu solo maternal!

Ó Campinas! me ame, sou teu filho!

Campinas, eu sou Elesbão!

Campinas, eu sou Mané Fala Ó!

Campinas, eu sou o Politizador!

Ama-me, Campinas, ama-me tanto quanto amou Carlos Gomes, ama-me tanto quanto amou Guilherme de Almeida, ama-me tanto quanto amou Campos Sales!

Ó Campinas! Descobri que te odeio mais que te amo, mas te amo com um amor visceral como este!

Campinas dos sonhos interioranos, dos sossegos carpiras deitados em redes de descanso! Campinas dos “erres” carpiras, Campinas dos carpiras; dos campineiros carpirões, Campinas dos campirões, dos retratos preto e branco empoeirados de uma Campinas perdida em algum tempo distante! Campinas da minha infância que não volta mais, do tempo de ficar jogando bola na rua com os pés descalços, brincando de pega-pega, de esconde-esconde e de ficar sacaneando as campainhas da vizinhança!

Campinas das brincadeiras, da corrida debaixo de chuva! Campinas das manhãs de domingo ensolaradas, do Tio Tabajar levando o bando de primos para brincar no parque; de ficar trepado no pés de fruta comendo manga verde e goiaba madurinha! Campinas boa, Campinas morta, Campinas da casa de meus avós! Campinas da luz pálida, das músicas de velório; das alcatifas dos caixões onde posso deitar-me, dormir e sonhar; ver estrelas, sereno, tranquilo...

Aqui, na amistosa Amadeu Mendes, na aconchegante Vila Lemos...

Ah!Campinas! Eu morro junto com você!



Templo da infância

Por Paula Mathenhauer Guerreiro

Eram pouco mais de seis horas da tarde quando encontrou o número 247 da Avenida da Saudade. Lamentou haver tanto mato, a ponto de esconder o caminho que a tinha conduzido à rua há exatos 17 anos. Embora agora não visse o contorno das pedras, sentiu-se grata à memória dos pés, que logo encontraram a superfície dura que a poupava da insegurança da lama.

Uns dez passos a levaram à soleira da porta. Ao girar a chave, parecia a Livia da infância, que tentava evitar o barulho da porta de madeira – velha já àquela época – quando, por preguiça de se limpar na torneira de fora, permitia-se entrar com os pés sujos e descalços na sala de visitas. Mais uma vez, o esforço foi em vão: o rangido da dobradiça parecia ainda mais melancólico.

Como outrora, levou a mão esquerda à parede, esperando encontrar, bem à altura dos ombros, a antiquada chave de energia. Tateou. Foi preciso acariciar a superfície empoeirada por quase meio metro abaixo para encontrá-la. Havia-na trocado por um interruptor mais moderno, mas o lugar – certificou-se – permanecia o mesmo. Ela é que havia crescido.

A energia elétrica estava cortada. Antes que o sol terminasse de se despedir, apressou-se a abrir as duas janelas que davam para a frente da casa. O alaranjado do fim do dia, invadindo a sala, permitiu-lhe ver o lugar do quadro da fruteira, na parede do fundo, onde só havia agora uma mancha escura; a mesa de centro ainda estava ali, mas sem as bagunças do crochê da mãe e os jornais espalhados do pai, que tantas vezes, principalmente aos domingos, haviam disputado espaço entre si.

A estrutura física da casa – agradeceu por isso – não havia sofrido mudanças. Ainda da soleira, viu a cozinha à direita, com o mesmo balcão com a superfície vermelha que sua mãe havia recebido de presente de casamento. Acima, acumulavam-se teias de aranha nas prateleiras em que, um dia, acomodara-se o jogo de painéis de alumínio. Lembrou como a caprichosa Dona Cila cuidava para manter branca a cortina que a protegia do sol enquanto cozinhava. Sorriu.

A luz que lhe clareava a memória deixava aparentes também as partículas de poeira que se levantavam conforme andava. Atravessando a sala, surpreendeu-se por julgá-la, agora, tão pequena. Ainda que se chateasse quando Dona Cila exagerava nos cuidados daquele

ambiente, privando-a de brincar ali, a quantidade de passos que lhe eram necessários para chegar ao corredor tornava compreensível o motivo de tamanho apreço da mãe por aquele cômodo, que era quase um salão de festas. Conscientizar-se da humildade dos pais e do sacrifício que fizeram para dar a ela e ao irmão um teto a fez sucumbir à gravidade.

A bolsa de couro, que trazia mais mapas do que dinheiro, ficou em um canto e, encostada na parede, Livia foi deslizando, até se sentar. Com os olhos fechados, vasculhou os menos de 40 metros quadrados da casa, à procura de qualquer vestígio olfativo que lhe trouxesse de volta a presença dos pais. Não havia mais o cheiro do feijão no fogo, o cheiro do cigarro de palha do pai, nem mesmo o cheiro de restilo que exalava das plantações de cana-de-açúcar ao redor da cidade.

Mesmo que tivesse vivido bons momentos em Mariana, não se com-

paravam àqueles que marcaram os seus 10 primeiros anos de vida, passados ali, naquele cubículo. Chorou a solidão, chorou a saudade dos pais, chorou o estado em que aquela casa – outrora o templo sagrado de sua infância – estava agora. Mesmo sem alterar a sua respiração, as lágrimas escorriam-lhe grossas pela face rubra.

Permaneceu imóvel, enquanto sua memória empenhava-se em retomar todos os momentos dos quais gostaria de se despedir. Sentiu, de repente, as mãos maternas enxugarem seu rosto. Abriu os olhos – ou pensou que os tivesse aberto – e foi capaz de enxergar as rugas e as pintas tão familiares daquela pele cujo perfume de leite de colônia embalava seu sono.

Não havia mais os sofás de estampa florida em que Dona Cila lhe contava histórias, tampouco a sua cadeira em miniatura que ficava ao lado do fogão. Mas a maciez daquele colo era tão real, que lhe tirou toda a tensão acumulada desde o acidente de carro que, há nove anos, havia interrompido o curso daquela família.

E ali ela ficou, encolhida naquele canto empoeirado, dormindo como que acomodada no colo da mãe, com as calças jeans surradas e tão sujas quanto costumava ficar sua roupa ao entrar em casa no fim da tarde. Naquele momento, acordou com o ruído do trator de demolição que estacionara ali em frente. Era hora de dizer adeus.



O novo sapato da Cinderela

Por Natália Anseloni Nista

Era como se eu pudesse respirar novamente, naturalmente, o pouquinho de ar ao qual tinha direito, mas, por um bom tempo, me fora tirado. É, a paixão, quando mal-intencionada, sem a presença do amor, manipula, de forma cruel, suas vítimas.

Sei que neste exato momento milhares de meninas choram, sorriem e comportam-se de maneiras inusitadas por estarem apaixonadas, a maioria pelo sapo errado.

Essa história de que príncipes não existem é mentira. É certo que toda menina sonhe com um conto de fadas, porém, o que pode levar a um “felizes para sempre”, também pode ter forma de maçã, cujo principal veneno chama-se paixão.

A paixão é egoísta e deseja possuir o outro de maneira negativa. Ela prende, causa dor, sofrimento e, acima de tudo, controla cada ação. Ao contrário do que dizem, não é o amor que é cego e sim esta pequena questão hormonal, que faz sapos parecerem príncipes aos olhos e batidas dos corações apaixonados.

Toda menina um dia irá ver o mundo, que na verdade é cinza, rosa. Elas namorarão um sapo sem sucesso e muitas vezes continuarão a fingir acreditar que estão no caminho certo, mas, sabe? Paixão acaba. Você pode se apaixonar várias vezes pela mesma pessoa, mas, antes, é melhor escolher bem aquela com quem partilhar algo tão especial e amá-la!

Então, como recuperar-se dela? Essa é uma pergunta que inquieta milhares de corações partidos. A difícil tarefa é remendá-los. Como sobrevivente, vou contar o primeiro e simples passo que mudou o caminho pelo qual hoje eu sigo, mas antes, você deve saber que há muitas maneiras de fazê-lo: pode entregar-se a vícios ou passar a usar somente moletons nos encontros noturnos com o pote de sorvete ou então desenvolver um distúrbio compulsivo por compras, porém o futuro será evidente: o moletom GG não lhe servirá mais e você participará da roda de consumidores compulsivos anônimos. Bem, a cura não tem fórmula, contudo, permite recuperar a liberdade de ser você e dar um fim às histórias tristes do seu diário.

Comigo aconteceu de um jeitinho doce: quando me libertei, viajei com a minha família e amigos, levando na mala meu coração recém-partido. Isso foi básico e essencial para que ele voltasse a bater tranquilamente de novo. Durante minha estada no hotel, fomos a um passeio na cidade. Enquanto eu andava, sentia a brisa me tocar com sua peculiar simplicidade, mas que agora voltava a ter um sentido especial - mudar de ares é importante! Foi ao atravessar uma ruazinha que tudo aconteceu: vi uma vitrine que expunha, de forma esplendorosa, um legítimo Arezzo. Era ele mesmo, o meu querido Arezzo tinha saído diretamente do catálogo e vindo ao meu encontro. Depois de fitá-lo durante muito tempo nas páginas da coleção nova, ele estava ali, especialmente estilizado, baseado nas mais clássicas sapatilhas de balé, e colocado no meu caminho por um único motivo: ajudar-me na cura da minha mais recente antiga paixão.

Pode parecer que meu futuro seja estourar limites de cartão de crédito, mas eu necessitava de um símbolo que me representasse, algo que falasse por mim e lembrasse que não deveríamos engolir sapos, muito menos uma segunda vez, e sim buscar o amor verdadeiro, aquele que nunca desiste, porém suporta tudo com fé, esperança e paciência, aquele que é eterno.

O escolhido me escolheu e eu escolhi o bolso do meu pai para financiá-lo em benefício do meu pé. Foi com muito gosto que meu querido herói fez isso por mim, pois ele, mais do que ninguém, notou que, a partir dali, eu daria novos passos em um futuro promissor e nada como uma meiga e delicada sapatilha Arezzo para me auxiliar nessa caminhada com estilo até o coração do meu próximo príncipe encantado.



Flor do Adeus

Por Maria Bertila Leal

Flor de um jardim de imagens, sem esperança e sem destino
Flor do nada para o nada
Flor da beleza que só era bela por ser ilusão
Flor de um desejo pueril de amar
Flor da realidade morta
Flor do nunca engolido pelo sempre
Flor do adeus.

Um minuto

Por Gabriel Cintra

Seis horas da manhã. O relógio desperta. Levanto-me, vou ao banheiro, escovo os dentes, vou à cozinha. Tudo preto, escuro. Acendo a luz. Olho os armários; olho o fogão; bate-me a preguiça; abro a gaveta e pego um sachê de cappuccino; pego uma leiteira com um pouco de água e ponho no fogão; coloco o cappuccino na xícara. Abro o armário, pego o pão de forma; abro a geladeira e pego a manteiga. Coloco tudo sobre a mesa. Pego meu cappuccino e sento-me para tomar o meu café da manhã.

Seis e meia. Levanto-me da mesa. Coloco tudo de volta ao seu devido lugar e a louça suja na pia. Como rotina diária, deixo a mesa ainda por limpar e a louça ainda por lavar. Tudo bem. Vou ao quarto. Tudo preto, escuro. Acendo a luz. Decido então a roupa que vou usar: camisa preta, uma calça preta, um cinto preto, uma meia preta e um sapato preto. É, gosto de preto e ele combina, muito bem, com mais preto. Tendo trocado de roupa, dirijo-me, novamente, ao banheiro. Tudo preto, escuro. Acendo a luz. Passo um bom perfume; penteio-me, de um jeito bem desleixado; escovo os dentes; saio do banheiro e do apartamento.

Seis e cinquenta. Chamo o elevador já pensando que, se não me apressar, posso chegar atrasado ao trabalho. O elevador demora cinco minutos! Isso me irrita muito. Aperto o botão do térreo e começo a conversar com seu Gentil, um senhor que tem um nome predestinado, por ser muito simpático:

- Bom dia, senhor Gentil, como está?
- Bom dia, meu caro amigo matinal. Estou bem... e você?
- Na batida do relógio, como de costume.
- Ah, esse mundo jovem de hoje em dia. Vivem correndo e se preocupando. Nem aproveitam mais as coisas da vida.

- É, isso é um problema mesmo. Mas fazer o quê? É preciso trabalhar.
- Ah, filho. É preciso trabalhar para viver, mas não viver para trabalhar.

- ...

Fui salvo pelo gongo. O elevador apitou ao chegar ao térreo.

- Bom, preciso correr, seu Gentil. Tenha um bom dia.
- Vá com Deus, filho. Bom dia!

Corro pela avenida. O relógio já marca sete e um. Paro no semáforo de pedestres. Preto, estava queimado. Olho os dois lados, atravesso a avenida e irrompo pelo portão do parque municipal. Lá, percebo as pessoas andando com cachorros, outras jogando migalhas para as pombas (tolas) ou para os patos no laguinho. Desde pequeno, meu pai já me levava ao parque. Apenas me parece que, quando jovem, o tempo de atravessar o parque era tão longo! Hoje levo apenas quinze minutos (e apenas porque me permito observá-lo por poucos minutos). Ao chegar ao círculo central, às sete e sete, esbarro em algo – na verdade, acho que era alguém. Viro-me para olhar.

Botas pretas sobre uma calça preta colada ao corpo; um sobretudo vermelho bordô; uma camiseta preta; cabelos loiros – na verdade, mechas loiras que se sobressaíam no cabelo castanho-escuro; olhos castanhos, nariz pequeno, boca desenhada...tudo em um rosto perfeitamente oval...perfeitamente perfeito.

Ela se move com um mover leve, como em um balé clássico. Ajudo-a a se levantar e recolho sua pasta. Ela bate as mãos no sobretudo para tirar a sujeira das folhas do chão. Apresso-me a desculpar-me, ainda atônito:

- Mil perdões moça, eu...eu...
 - Tudo bem, imagino que estava com pressa.
- (Meu Deus! A voz dela era suave e doce. Quase a podia sentir).

- Bem, eu ia...esqueça. Desculpe-me. Não se machucou?
- Não. Fique tranquilo.
- É, não sou muito isso aí.

- Pois devia.
- De qualquer forma, meu nome é Bruno – digo-lhe, estendendo-lhe a mão.
- Bianca – ela devolve meu gesto.

(Bianca! Tão singelo e tão grande!)

- Bem, Bianca, este é meu cartão. Gostaria que aceitasse o meu convite para um café-da-manhã qualquer dia.

Assim, poderia tentar compensar o meu incidente desastroso.

- Ah...Vamos ver... Mas não se preocupe com isso.
- Tudo bem. Até breve, então. Telefone para mim.
- Certo. Até...

Deixo-a ir e olho no relógio, sete e oito da manhã. Naquele instante, percebi que tive um pequeno momento alheio à minha rotina. Em apenas um minuto, descompassei-me da batida do relógio e ouvi a batida do meu coração. E... quer saber? Eu gostei.

Viro-me para meu caminho matinal novamente, mas já não é mais o mesmo parque. Olho-o e começo a perceber mais cores do que já vira antes. Começo, então, a andar entre árvores sem folhas, sem frutos; folhas ao chão; cachorros latindo e brincando; casais saindo dos cafés; pássaros de todas as cores voando para todos os lados; pedras levantando-se do chão e aceitando pessoas sobre sua superfície; mais árvores sem folhas, mas algumas já começando a esverdear. É, este é um belo parque.

Coloco as mãos na cabeça e olho para o céu com o sol brilhando lá em cima. De repente, vem-me à mente uma inspiração: o inverno pode vir e gelar o ambiente, derrubar as folhas que restavam e desanimar as pessoas, mas, em breve, vem a primavera e tudo começa a florescer novamente. Uma certeza, então, se estabelece para mim: não dá pra ficar gelado para sempre. O sol está lá e, no seu devido tempo, talvez sem você notar, ele vai derreter aquele gelo que estava sobre a sua superfície.

Sete e doze, coloco as mãos no bolso e caminho para o meu trabalho.

ATRAÇÃO INCOMUM

Por Helena Perdiz

Pararam.

- O senhor não tem respeito pelo meu marido olhando-nos logo ali?

- É difícil pensar em respeito diante dessa cinturinha perfeita, minha senhora.

- Mas isso são modos? Assim que ele souber o que está se passando aqui, pedirei a ele que vá atrás do senhor. Sabe muito bem que ele tem poder para isso.

- Desculpe-me, mas estou certo de que ele não me alcançaria por mais de três quadras.

- Ele sofre, sim, algumas limitações. Mas isso não o impediria de tomar providências.

- Já parou para pensar que ele possui muito mais limitações do que a senhora? Se for para alguém me seguir, que seja a senhora mesma. Pelo menos, chega até mim.

- Eu não o seguiria nem por decreto.

- Não quer correr o risco de se aproximar muito e se apaixonar, não é mesmo?

- O senhor não tem vergonha de fazer uma insinuação dessas? É um membro da Igreja!

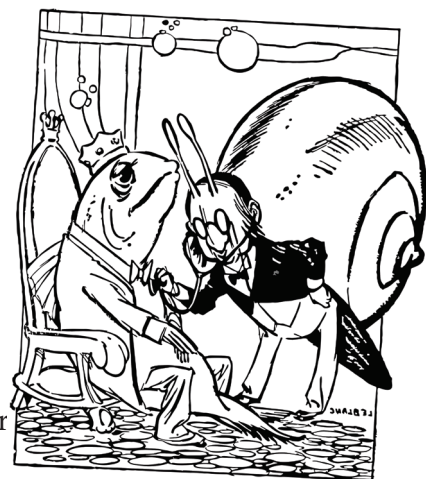
- Igreja? Isso é pura teoria, só lá fora essas classificações funcionam. Tudo não passa de um jogo, minha querida.

- Então quer dizer que tudo isso, essa situação entre nós, não passa de um jogo para o senhor?

- Não foi exatamente isso que eu quis dizer, alteza.

- Alteza? Não me venha com "alteza" agora. Eu ouvi muito bem.

E os jogadores permaneciam estáticos, observando, boquiabertos, o flerte entre o Bispo e a Rainha, no tabuleiro de xadrez.



Recuerdos guardados en un cajón

*E*staba yo pensando en qué se puede decir que sea realmente nuevo, que nunca nadie haya dicho y apenas se me ocurren recuerdos intrincados, vividos una y mil veces por innumerables almas que desconozco.

Así, me viene a la cabeza Agamenón, explicando por qué cualquier recurso literario está ya manido por definición, ensuciado por el uso como una moneda que pierde su brillo. Cierro los ojos para rememorar la sonrisa cínica con la que explicaba cómo la metaliteratura ya no funcionaba.

Entonces, ¿qué nos queda M querida?, sin apenas acertar a recordarte vívidamente, ¿qué me queda por decir?

M, somos sueños soñados por otros, no somos nada más allá de ti, sólo el vacío.

Haciendo honor al nivel de improductividad que caracteriza la economía nacional, te diré que escribo estas líneas para evadirme de mi trabajo.

Salpico recuerdos como encinas en un campo, sin ton ni son, como la nieve en un Belén que piensas que cuanto más echas más bonito queda. Entonces, ¿qué nos queda? Te lo diré tu virginidad perdida en la nieve, tu calor derritiendo el frío de una montaña indómita en la que nunca habías estado, y ya no volverás.

Te empeñaste, como haces siempre, en ir aunque no estabas preparada, tu ropa ligera de verano no te protegía y tú, impune en mitad de una pista vacía, buscando la novedad, riendo como la niña que eres.

Cogías estrellas irrepetibles entre tus manos y las lanzabas al aire, esperando que la divinidad recogiera tu presente, sin llegar a decepcionarte por su feo gesto. Luego tiritabas, me gusta que lo hicieras, pues nunca es suficiente tiritar, me parece una palabra hermosa que tú, M, das aún más brillo.

La luz se iba, y la pista tenía ese color mágico de fosforescencia lunar, y tú en el medio, descubriendo, ¡oh mi amor!, que la nieve es preciosa pero duele. Como tantas cosas en la vida mi niña, primero resultan bonitas y después duelen. Yo te había dejado mi raída chaqueta, también tenía frío y sabía que para ti era claramente insuficiente, pero me daba igual, te había desvirgado y siempre me guardaría tu secreto.

Entonces te invite a chocolate caliente, ¿recuerdas? En la cafetería, la Benemérita nos informó de que había retenciones y tardaríamos tanto en salir de aquella montaña que no debíamos tener prisa. Eran testigos sin saberlo de una obviedad. Yo sabía que el tiempo, como tus pies, se había congelado y ya sólo restábamos al cuento tú, yo y la noche.

De camino a la ciudad, el coche zigzagueaba por una tortuosa carretera, jugándonos la vida en cada momento, y tú feliz mirando por la ventana.

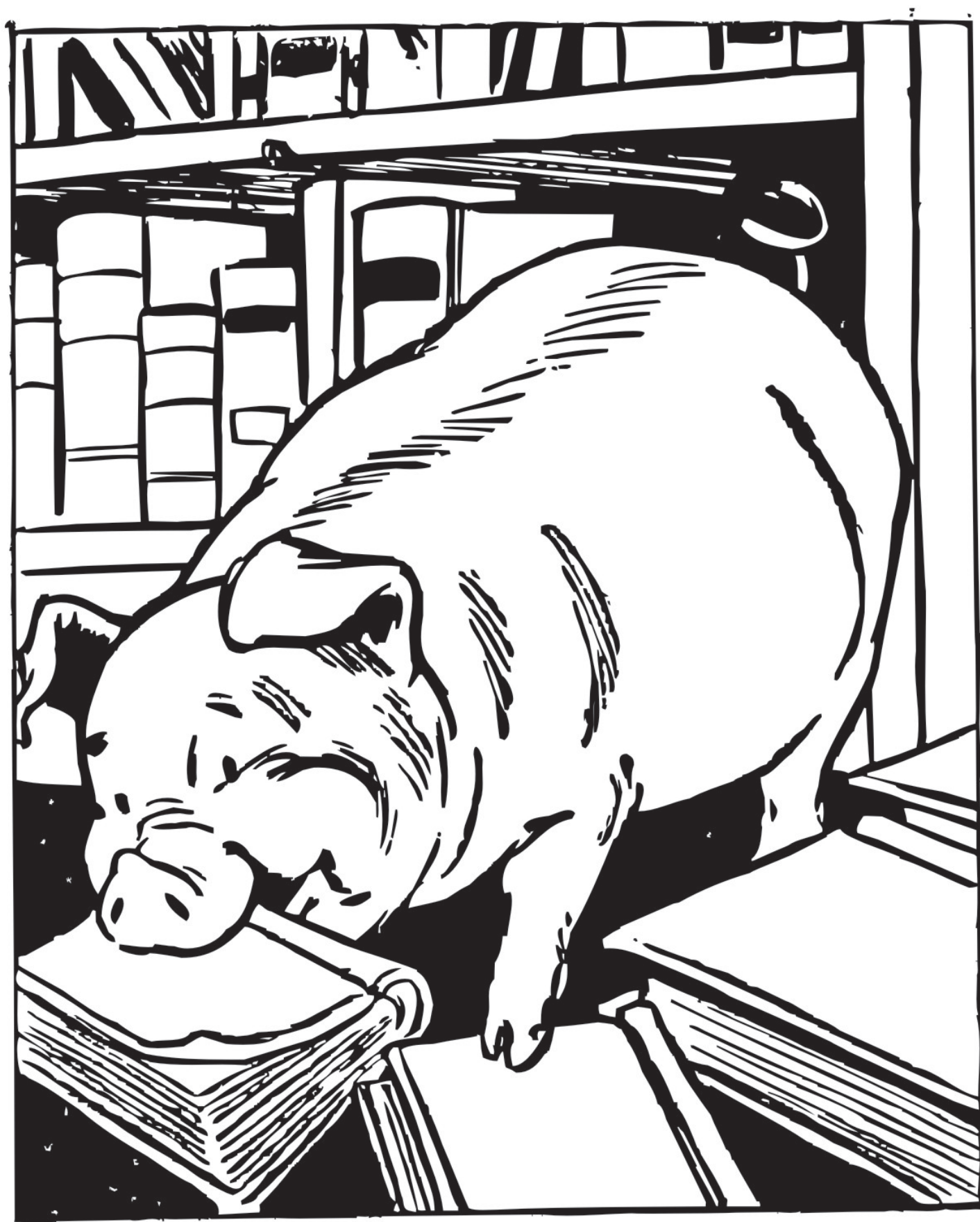
Supongo que es así como se despierta de un sueño

Capitán.

*U*na noche en la que no podíamos dejar de encontrarnos en distancia, hablamos sobre eso, los recuerdos. Intentábamos rememorar otra ciudad, otros tiempos, otra felicidad.... nos extrañábamos y utilizamos las palabras para tocarnos. Malditos teléfonos. A mi mente llegan esas palabras tuyas, siempre claras, lindas, suaves como hojas de otoño cayendo lentamente de tu boca a mis oídos. Hablabas de esa ciudad ausente que enmarcó nuestro cuento, relatabas mil y una historias que habíamos vivido, mencionabas lugares, personas, suelos que yo no había pisado. En contra posición yo te hablaba de otros libros, otros personajes, de un lado de allá que no se correspondía al tuyo. Tú tampoco recordabas mis anécdotas. Intuiste en mi voz que esa situación me estaba empezando a incomodar, me conoces y sabes que soy demasiado sensible para admitir que vivimos historias diferentes, tal vez con intensidades también dispares. Cambiaste el tono y, como un beso del viento, me dijiste que no me preocupara, que aunque no recordaras todas las palabras ni todas las páginas del relato, tú habías estado allí, nosotros habíamos escrito esa historia, que recordabas cada baldosa que llevaba de nuestra casa al faro, que si cerrabas los ojos podías olerme y escuchar mi risa... Me enseñaste que los recuerdos son traviosos pero que los sentimientos son más poderosos.

Siempre estás presente, Principito, a veces los recuerdos juguetones me tocan las orejas, me pellizcan los brazos, me hacen cosquillas en los pies. Quieren que me ponga triste porque no te tengo cerca pero yo les saco la lengua, sé que la distancia es ficción, como ellos.

M.





APOIO:



REALIZAÇÃO:



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Letras
Faculdade de

